

ELISEU
do **SPORTING**

que fez no domingo uma
excelente exibição

(Foto Nunes d'Almeida)

Stadium

N.º 68 ★ 22 DE MARÇO DE 1944



PARA ENTRETER, enquanto as pistas descansam

IX — Concentração, Impulsão, Descontração

Notas técnicas por SALAZAR CARREIRA

OS saltadores em altura têm muitas vezes em si próprios o pior adversário: pecam alguns por exagero, outros por deficiência, mas raros são aqueles que sabem graduar o esforço, aplicá-lo no momento preciso e criar prévias condições de aproveitamento.

O inimigo da gradação de esforço é a contração, é a força a dominar a leveza; o esforço mal aplicado é todo aquele que não coincide com a impulsão — e as condições óptimas de aproveitamento dependem da prévia concentração.

Os saltadores novatos não ligam, em via de regra, importância nenhuma a estas particularidades; quando são chamados para a tentativa, interrompem a conversação animada em que estavam distraídos, encaminham-se para o terreno, despreocupadamente correm logo para a barra e atiram-se sem mais cerimónias. Se passa, passa; se não passa, repete-se a cena.

O saltador experiente e consciencioso, porém, não conversa, dirige-se calmamente para o terreno e ante a barra se demora, imóvel e absorto, antes de se lançar para a tentativa. Esteve em procura da concentração ideal.

Gajan descreve a concentração como o reagrupamento de todas as forças vitais dispersas por esforço violento e, simultaneamente, a descontração geral e a carga completa do acumulador de energias físicas. É, por conseguinte, um estado dependente da influência do sistema nervoso, por intermédio da acção conjunta da atenção e da vontade.

Praticamente, diz ainda o mesmo autor, a concentração é sentida pelo atleta; parece que um fluido de energia o percorre, se intensifica e estabiliza, ao passo que a respiração e o organismo experimentam uma acalmia e uma abstracção do mundo exterior. É então o momento exacto de partir para o salto, pois este bem-estar favorável, esta disposição óptima do fluido vital, dura apenas escassos segundos.

A busca da concentração deve ser objecto de estudo para os saltadores incipientes; está perfeitamente subordinada à acção da vontade e é indispensável para atingir os resultados máximos.

Claro que nada se consegue sem paciência e tempo; os progressos dos saltadores em altura são sempre lentos, muito mais lentos, por exemplo, do que os dos seus camaradas corredores. Mas têm, em contrapartida, uma vantagem largamente compensadora e que é a sua permanência. Quere dizer: ao passo que um corredor de 800 metros melhorou os seus tempos, durante a época, de 2 m. 15 s. para 2 m., por exemplo, o saltador em altura conseguiu apenas subir cinco ou sete centímetros; mas, no princípio da época seguinte, o corredor voltou nos primeiros treinos aos 2 m. 15 s., ou pouco melhor, e o saltador em altura conserva quasi todo o beneficio conquistado.

Desde que o saltador tenha o cuidado de não ter pressa — nem pressa a largo praso, nem pressa immediata — ajuda-se bastante no

aproveitamento do seu trabalho e do esforço atlético no ensaio dos saltos. Alcançada a capacidade de concentração, parte para o obstáculo nas melhores condições mas, para integral êxito, necessita de aplicar o esforço muscular no momento propício e apenas nesse momento; portanto, corrida ligeira, chamada e impulso ascensional enérgicos e fulminantes, passagem da barra em descontração.

Já repararam na máscara dos saltadores em altura quando transpõem a barra? Consultem fotografias e verão impressa no seu rosto a serenidade indicativa de relaxamento muscular.

A acção mais importante do saltador em altura é a impulsão, de cujo valor depende a altura do pulo.

A passagem por cima da barra é um ponto crítico e para cujo resultado contribui o aperfeiçoamento do estilo, que é tendente a conseguir, para determinada elevação, o mínimo de subida do centro de gravidade; mas, como diria o «amigo Banana», para passar por cima da barra é preciso primeiro lá chegar...

A aprendizagem do estilo, precupação máxima de todos os principiantes, é na realidade subordinada à facilidade de elevação, à elasticidade da chamada, que se traduz pela força de impulsão.

No salto em altura, afirma com verdade o treinador Baquet, a impulsão é a resultante da corrida preparatória, cuja velocidade horizontal se transforma em subida pela distensão elástica da perna de chamada. É a combinação das duas forças (velocidade e impulsão) que projecta verticalmente o saltador, e essa com-

binção faz-se pela intervenção transformadora da perna de chamada, que bloca a corrida e assegura a ascensão do corpo.

A acção de travagem da corrida começa no penúltimo passo, pelo ligeiro levantamento do tronco, de maneira a garantir que o pé do corpo coincida precisamente com o ponto de apoio do pé de chamada no momento da impulsão.

Este pormenor do salto deve ser alvo de cuidadosa aprendizagem em treinos, porque a sua influência no seguimento do exercício é decisiva. É indispensável que o pé de chamada assente de calcanhar (Fig. 1) e o corpo esteja apurado e não inclinado para diante — isto com dois fins: anular o apoio rolado, enérgico e acelerado da sola do pé, para determinar mais forte impulso vertical ao esforço muscular da perna.

A capacidade de impulsão, ligada à facilidade de rapidez contractil do músculo, é, em princípio, um dom natural do saltador, o índice da sua classe; mas pode e deve desenvolver-se por intermédio da gymnástica adequada, com fins de fortalecimento articular do tornozelo e avigoramento da massa muscular da coxa e da barriga da perna.

Um dos melhores exercícios aplicáveis é o saltitar alto e ao pé coxinho sobre a perna de chamada, sem lançamento superior da outra perna, para evitar o auxílio do balanço ascensional (Fig. 2).

A terceira parte do salto, a que corresponde à transposição da barra, é uma fase de relaxamento muscular; as manobras complexas, os movimentos segmentares antagónicos de qualquer estilo, exigem a perfeita descontração. O corpo do saltador parecerá tanto mais pesado quanto mais intensa forem a contractura e o esforço dos músculos acessórios.

Para alcançar esta possibilidade é preciso uma preparação gymnástica muito rigorosa, com insistência de prática dos exercícios destinados a aumentar a elasticidade muscular e a amplitude de movimentos articulares (Fig. 3). O saltador em altura não precisa de muito músculo, mas tem necessidade de músculos em óptima condição funcional.

Esgrima — O Torneio de 3.^{as} Categorias de Sabre

FIZEMOS já referência aos resultados do torneio oficial de terceiras categorias de sabre, ao qual concorreram em grande número os alunos da Escola do Exército.

Merecem êstes a primeira referência: sabido como é, que a sua preparação não pode ser submetida ao mesmo regular e persistente trabalho que seguem os atiradores civis, em virtude da intensa actividade intelectual e militar a que são obrigados, colhemos no entanto a impressão de que o grupo d'êste ano, constituído por estreados, revelou, de maneira geral, melhor base técnica, pois quasi todos estão correctos na guarda e têm já regular noção do assalto.

A selecção gradual para a «poule» decisiva correspondeu, pelo que nos foi possível observar, ao resultado mais lógico. O conjunto de finalistas constituído pelos atiradores da E. E. deve ter refinado os mais completos. Todos mostraram, como é natural em esgrimistas de

pouca experiência, deficiências de ordem técnica. Mas não há dúvida que se fosse possível continuarem a dedicar-se regularmente à prática d'êste belo desporto, teriamos entre êles alguns atiradores de futuro.

O vencedor, Jorge Matias, por exemplo, mostrou nítida intuição e sempre que respondeu fê-lo com êxito; depois, Costa Freitas foi o que melhor nos impressionou, pela sua habilidade e estilo correcto; Duarte Silva tem igualmente óptimas condições e executou também boas repostas; Pinto Ferreira deve ser colocado num segundo plano, mas reúne da mesma forma aptidão a cultivar.

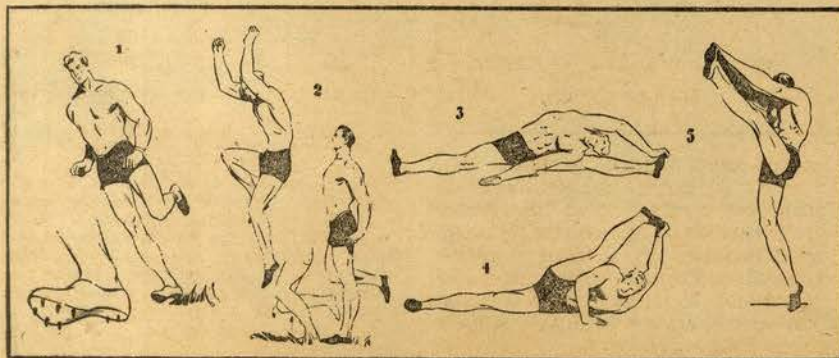
Robin de Andrade e Franklin Viana estão mal na guarda, pormenor de muita importância. O primeiro é rápido e tem boa ponta, mas ataca normalmente com a mão baixa; o segundo não empunha a arma como é de aconselhar, como não tira proveito da vantagem que lhe oferece a sua estatura.

Almeida Santos, temperamento de «poulista», era o mais sóbrio. Usa demasiado as detenções e raro dá às paradas o natural remate da resposta.

Pode dizer-se ainda que nenhum d'êstes atiradores ataca o ferro ou procura levar o adversário a jôgo que dê aso à contra-resposta.

Só um dos finalistas não pertencia à E. E.: Evangelista Marecos, representante da «Mocidade» — que era afinal o sabrista mais conhecedor. Exibiu jôgo elegante, muito correcto e dentro das boas características da verdadeira esgrima de sabre. Demonstrando progressos nítidos, a classificação que obteve não está de acôrdo com a sua experiência nesta modalidade e só pode atribuir-se ao enervamento de que deixou apoderar-se.

O torneio de segundas categorias de sabre está marcado para amanhã, às 18 horas, no Centro Especializado de Esgrima da «M. P.» (Casa da Mocidade).



IDÉIAS NOVAS EM VELHOS CONCEITOS

HA verdades que são de todos os tempos — e se em certa época parecem novas é porque só então a prática as confirma e a propaganda as leva ao conhecimento das multidões populares.

Delas se passa depois a falar com a insistência que caracteriza as campanhas de divulgação das idéias chamadas recentes, em esforço de luta contra a cegueira de longos anos ignorantes, e o povo aceita como novidade êsses preceitos, que progressivamente lhe saturam a atenção e dos quais em tempos pretéritos nunca ouvira falar, embora existissem já e fôssem proclamados por alguns espíritos de mais aguda percepção, cujas práticas não alcançavam retumbância por falta dos amplificadores da popularidade ou por discordância entre a sua orientação progressiva e o anacronismo da compreensão do meio.

Isto traz às vezes surpresas: quando, por exemplo, no período de plena expansão das tais verdades pseudo-modernas, encontramos a sua doutrina preceitual expressa, com admirável propriedade, numa frase que já tem cabelos brancos.

É assim o caso típico da actual importância crescente, dominadora—autêntico negócio público — da educação física da mocidade: problema nacional que os governos de cada país se encarregam de solucionar, reconhecendo-lhe decisiva influência no índice de capacidade activa dos povos, que é a chave mestra da segurança das Pátrias.

«É da cultura da força em cada indivíduo que em última análise depende a força colectiva, a energia, a saúde, a vida de cada Estado.» Com estas palavras se defende o conceito moderno que a nossa geração julga haver descoberto; e, no entanto, o seu autor escreveu as há mais de cinquenta anos, num livro que hoje se compreende talvez melhor, em Portugal, do que na época da sua primeira edição.

Datam de 1887 e encontram-se num dos melhores livros do grande Ramalho Ortigão, antecedendo de poucas páginas estas outras, que conservam ainda a frescura de aplicação actualizada: «Para fazer um bacharel a todo o tempo há tempo; para fazer uns rins sólidos, um espinhaço rijo e um pulso vigoroso, perdidos os anos em que se forma o esqueleto e a musculatura humana, perdeu-se tudo, estragou-se o animal, e da massa com que se poderia ter fabricado um homem sai um ser degenerado, para sempre pervertido, destinado a perturbar irremediavelmente, pela anomalia do seu contacto, o movimento da sociedade e o destino da espécie.»

A teoria deve ter parecido arrojada e algo escandalosa ao espírito preconceituoso da época, acorrentado ao dogma do sistema de educação livresca, exclusivamente intelectual: o tempo dos meninos doutores, aos quais até pare-

A modificação das regras do bilhar

O depoimento do dr. Emile Sicard

VI

A falta de espaço não nos tem consentido dar a estas crónicas sobre as controvérsias travadas em «Le Billard Sportif», a propósito da necessidade de modificar as actuais regras do bilhar, a continuidade e desenvolvimento que desejaríamos. Iremos andando, embora com o passo lento que as circunstâncias impõem. O prejuízo, todavia, não será grande, pois que os problemas levantados pelo inquérito da excelente revista francesa só depois da guerra poderão ter solução.

Na França, lançada na mais dramática catástrofe da sua história, não há lugar para debates especulativos que aviltariam quem os suscitasse na tragédia da sua hora presente.

Advertimos o leitor de que no depoimento do dr. Emile Sicard, que hoje iniciamos, algumas vezes o termo *linha* é utilizado como sinónimo de *americana*, fiel o autor ao seu ponto de vista de que é mais lógico considerar a *americana* como uma série da linha próximo da tabela do que a série da linha como uma *americana* a distância.

A lógica antes de tudo...

Deve-se estar grato ao sr. Faroux pela sua campanha. A falta de outra coisa, ela terá demonstrado isto: o bilhar não morreu. Há dois anos, era a santa cólera de Avé contra a desigualdade do número de tacadas. O ano passado, Conti, a propósito das bolas, lançava o seu famoso grito de alarme. Assim, cada ano traz a sua idéia, boa ou má.

Queixava-se Conti de que as bolas não eram nunca redondas, e Avé de uma lei fundamental do jogo — a da vitória sem igualação das tacadas. É um processo ao mesmo tempo insignificante e apaixonante que Faroux pretende instaurar com as regras da partida livre e do 45/2. De que se acusa êle? De terem envelhecido e não se adaptarem já às actuais possibilidades dos jogadores.

Sensata a preocupação de manter incessantemente o equilíbrio entre as dificuldades de um jogo e a capacidade daqueles que o praticam. Note-se, então, que o problema se complica com as condições do material. Este também progride. Pode a técnica dos jogadores permanecer estacionária que os aperfeiçoamentos do material justificariam só por si regras mais severas. E se o homem e o material melhoram ao mesmo tempo, o desequilíbrio pode então tornar-se tal que o jogo se mostre impossível, quer dizer: demasiado fácil e desprovido de interesse.

Faroux, na sua argumentação contra a *americana* e a série da linha, não falou, porém, da bola de composição (1), elástica e redonda,

onde fácil e fiel. E isto é, para o caso, tão importante como os progressos dos jogadores modernos, porque a «compo» (2) é a série da linha sem lágrimas e sem dramas.

É fora de dúvida, para mim, que tão depressa a bola de composição tenha substituído a de marfim, a série tornar-se-á ainda mais pura, mais bloqueada, mais minuciosa. A técnica tornar-se-á mais sapiente, o que quer dizer mais simples.

Inútil rodear a questão e insistir nesse propósito, pois que se chegará sempre a êste axioma em matéria do jogo de série: a perfeição é a rarefacção dos golpes levada ao extremo limite, é a mecanização, é a chave. É um facto evidente e nós verificamo-lo todos os dias: quanto mais insuficiente é o jogador mais a sua série constitui uma incessante correcção de erros, um galope atrás das bolas; quanto mais forte êle é, mais depressa bloca as bolas na zona de eleição para o jogo que êle joga e numa posição tal que o mesmo ciclo de golpes, a mesma combinação se reproduz indefinidamente. E esta combinação, enquanto o bilhar for o que é, uma pista rectangular, será sempre e sempre a mesma em todas as *livres* e em todos os quadros: colocação, blocagem, chamadas sobre a tabela mais perto, melhor dito — a *linha*. Digo bem a *linha*, porque me parece mais lógico considerar a *americana* como uma *linha* especial próximo da tabela, do que a *linha* como uma *americana* a distância.

Eu sei que nisto da série da linha não estou de acôrdo com Conti. O nosso grande campeão, que estimo e admiro como ninguém, honra-me outro dia com a sua cólera. «A *linha*? Mas é o único recurso do fraco! Faça-se jogar a um virtuoso da *linha* qualquer coisa como o quadro 71 a um golpe ou o 45/1 integral, e dir-me-ão depois...»

Na minha opinião é grave êrro considerar aquêle que, no jogo livre não procura senão a *americana* e, ao quadro, a série da linha, como uma espécie de débil, de impotente, como um jogador de inferior qualidade. Porque Conti se encontra raramente *tapado*? Porque êle tem a aversão do *massé*, golpe aleatório. Porque tal jogador se agarra à *linha*? Porque compreendeu que era mais fácil e mais produtivo que qualquer outra coisa. Então, dir-se-á por que razão Conti não ut liza a *linha*? Sente-se êle tão bem na *americana* como os outros? Sim; depois de um breve mau humor, porque era preciso escolher: a *americana* ou a catástrofe... Mas, para a série da linha, não se procure mais: as bolas, eis o grito de alarme. A *linha* não se joga com batatas. Como se sabe que a França é, no bilhar, o país das batatas, Conti-o-malicioso cultivou outra coisa: o terreiro, a exteriorização, o domínio (3). Em suma, a fórmula Conti é uma fórmula de adaptação a um material imperfeito, sabe Deus com que ciência e poder de execução.

(Continua)

(1) A bola de massa do último tipo criado, a qual tem já o péso e a receptividade de efeitos convenientes.

(2) Termo abreviado para designar a bola de composição.

(3) O autor quer referir-se à técnica particular de Conti, que aproveita todas as tabelas e, portanto, a mesa em toda a sua extensão, para recolocar a bola 2.

Artigos de
sport e jogos

SPRIL

Rua do Loreiro, 34-2.º — LISBOA

Telefone 22797

cia mal serem fortes ou gostarem horas a cuidar do corpo, em detrimento das ocupações cerebrais. Mas hoje, melhor compreendida a necessidade do equilíbrio físico-psíquico, as frases do atlético e saudável Ramalho interpretam, com regozijante desassombro, a verdade do dia — que já era a sua verdade antes de ser de toda a gente!

A actividade cultural do Atlético C. P.

A comissão cultural do Atlético C. P., a que preside a sr.ª dr.ª Agnês Machado dos Santos, continua a sua profícua actividade.

Amanhã, no salão de festas do popular clube alcantareense, na calçada de Santo Amaro, o sr. dr. Ramada Curto fará mais uma palestra, incluída na série promovida por aquela comissão.

Esta sessão está marcado para as 21,30 horas.

A CAMPANHA NACIONAL de EDUCAÇÃO FÍSICA da "M. P."

O COMISSÁRIO NACIONAL, dr. Marcelo Caetano

Confia-nos as suas impressões e afirma a sua fé no futuro da obra educativa da "Mocidade Portuguesa"

A Organização Nacional da «Mocidade Portuguesa» vai iniciar no princípio de Abril uma longa e intensa campanha de propaganda da sua actividade em práticas de educação física, esforço de divulgação cujos objectivos e meios de acção ultrapassam largamente os limites do organismo promotor para se alargarem ao campo nacional, a toda a população portuguesa, aos seus dirigentes e à massa dirigida.

Desde que foi criada pelo dr. Carneiro Pacheco, com intensidade crescente e expansão progressiva nestes anos mais recentes, a «Mocidade Portuguesa» desempenha funções de mais alta importância para o futuro da nacionalidade e, no exercício dessa missão construtiva dos homens de amanhã, é justiça apontar-lhe o critério de equilíbrio que sempre soube manter entre os seus elementos de influência educativa, formando caracteres, consciências e corpos em perfeito paralelismo de desenvolvimento.

Os problemas da ginástica e do desporto merecerem sempre aos chefes responsáveis pela «Mocidade» uma atenção criteriosa e, talvez porque se reconhecesse de início serem tais problemas os que tinham no meio cívico português mais escassa expansão, foi-lhes consagrado particular empenho, no intuito de lhes dar efectividade que valesse a designação de nacional.

Assim se compreende a actual campanha como um novo impulso à obra de longa data empreendida; perante a perspectiva contemporânea da educação física do povo português, as causas determinantes e os objectivos desta campanha devem ser fixados com propriedade, para estabelecer posições e determinar as necessidades da orientação futura.

FALA QUEM SABE

A iniciativa de tamanha vulto todas as colaborações são dever indelével. O espaço é tão vasto que todos, ombro a ombro, não o conseguiremos preencher. Mais um motivo para cada um deliciar-se ir além do que possa.

Para «Stadium», a attitude a tomar estava antecipadamente definida. Pareceu-nos, contudo, oportuna a ocasião para inquirir sobre as condições vitais e evolutivas da obra de educação física da juventude lusitana, aquém e além do âmbito da «Mocidade Portuguesa», começando logicamente por averiguar de boa fonte as próprias bases do movimento agora lançado no país.

Solicitámos, em tal sentido, as declarações de quem, melhor do que ninguém, poderia satisfazer o nosso empenho — e o sr. prof. dr. Marcelo Caetano, Comissário Nacional da «Mocidade Portuguesa», recebeu prontamente o delegado da revista.

O professor dr. Marcelo Caetano ocupa, com propriedade, a chefia suprema da Mocidade de Portugal: independentemente das suas virtudes de pedagogo, de sociólogo e de educador, dizêmo-lo porque do seu convívio emana a impressão dominante de mocidade de espírito, de dinamismo e de vivacidade física que devem ser vivo exemplo, comunicativo e estimulante, para todos os filiados da organização que lhe foi confiada.

A nossa entrevista breve se transformou em animada conversa. Com simplicidade desassombrada, os problemas surgiram claramente postos em equação, as incógnitas definidas e apontadas as soluções. Nem sempre fáceis, mas sempre rigorosamente estabelecidas!

— A campanha que a «Mocidade Portuguesa» vai lançar — diz-nos o Comissário Nacional — tem como razão próxima o que se pôde verificar de insuficiência de meios, de inação, de desconhecimento na execução dos problemas de educação física em todo o território do país. Debaixo deste aspecto, a realidade — e por vezes ilusória — resume-se a Lisboa. Todo o resto é praticamente zero. Outra verdade indiscutível e que se liga, como causa directa, com o estado de coisas que acabo de apontar, é a errada mentalidade, quasi geral, dos educadores portugueses, tanto pais como professores, para quem as práticas de ginástica, as actividades físicas dos rapazes, mais não merecem do que a inércia de um inteiro despreendimento, quando não pior, porque as encaram com autêntica folia. Neste ambiente de incompreensão, onde há vezes a «Mocidade Portuguesa» intervem como desmanchador de equívocos do modo como imbuem



O Comissário Nacional da "M. P." na sua audiência à "Stadium"

esfôrço violento de reacção, que localizámos na presente campanha: durante dois meses, pediremos às emissoras rádiófónicas, aos jornais e aos cinemas, que frequente e insistentemente foquem assuntos ligados à educação física e ao papel que nesse campo desempenha a «Mocidade Portuguesa». Os resultados hão-de ser fecundos; a nossa fórmula é a mesma da água mole que bate na pedra dura...

— Nota-se da parte dos rapazes, que são afinal os principais interessados, melhor acolhimento às directivas ginásticas da «Mocidade Portuguesa»?

— Mesmo entre eles não existe ainda a compreensão necessária... O «virus» desportivo, cuja expansão é incomparavelmente mais vasta, deturpou o critério interpretativo — e a grande maioria dos rapazes portugueses, ignorando as necessidades de formação, aceitam com relutância a ginástica e preferem-lhe o desporto imediato, que não podemos consentir.

«Verifica-se, aliás — acrescenta o professor dr. Marcelo Caetano — uma evolução sintomática no animo dos rapazes que frequentam, por exemplo, os liceus. No meu tempo os rapazes dos anos superiores eram aqueles que mais interessados se mostravam pela ginástica e menor número de dispensas solicitavam; hoje acontece o inverso — quanto mais anos de frequência de liceu, maior o número dos que procuram escapar-se às respectivas classes!

— O que equivale a dizer — atalhamos — que a «Mocidade Portuguesa» não tem apenas que ocupar-se de ministrar a educação física ao maior número dos seus filiados, mas ainda de instigar o seu gosto por essas práticas...

— Exatamente! E não julgue a tarefa pequena. O entusiasmo da grande maioria dos rapazes pelos exercícios físicos limita-se ao desempenho do papel de espectadores. Há ainda muitos a quem repugna a simplicidade dos trajos de ginástica e de desporto, amarrados à tradição da... ceroula de fitas! Pode crer que os nossos inspectores encontraram pela provincia muitas classes cujos alunos trabalhavam com o fato completo, malhas e camisolas a acolchoar-lhes o torax por baixo do casaco; acrescenta que os próprios instructores protestavam contra a ideia de aligeirar o enroupamento dos alunos.

— O Sr. Comissário considera importante o tributo da educação física dos filiados na obra geral da «Mocidade Portuguesa»?

— Necessariamente — responde de pronto o sr. dr. Marcelo Caetano. O objectivo da nossa acção é contribuir para a realização de uma educação integral lutando contra o ritmo do passado.

onde a educação burguesa minimizava a actividade da juventude, que sofria ainda as consequências condenáveis do excesso de mimos familiares. A própria escola portuguesa está retardada sobre os mais comprovados métodos estrangeiros, mantendo vincada predominância — que em certos casos é exclusivismo-intelectual. Estamos longe, por exemplo, do sistema inglês, onde a educação intelectual e a educação física são compreendidas de igual para igual.

«A «Mocidade» pretende ser o traço de união, o elemento complementar do que devia ser o esforço educativo da família, da escola e da religião, criando homens sãos, de caracter honesto e desembaraçados para a luta da vida.

— Julga V. Ex. que os meios de que dispõe a «Mocidade Portuguesa» chegam para cumprir tão vasta missão?

— Sou forçado a reconhecer que não dispomos de meios suficientes; nem dirigentes próprios, nem recursos materiais, nem eficiência de acção. É-nos indispensável reunir um escol de dirigentes, com visão larga do futuro, sacrificados a um ideal e consagrados em exclusivo à «Mocidade Portuguesa». No presente, todo o nosso pessoal de instrução dedica à Organização uma parcela accessória da sua actividade profissional que é alheia a ela; as famílias não compreendem os nossos propósitos e procuram arrancar os meninos da actividade da «Mocidade Portuguesa», a pretexto de serem fraguinhos — como se isso não fosse mais uma razão para os fortalecermos; fóra dos grandes centros não dispomos de professores e chefes habilitados, apesar da insistência com que temos publicado manuais, directivas e boletins, que lhes distribuímos gratuitamente, para que, lendo-os, se saurem progressivamente da técnica educativa da «Mocidade».

«Por todos estes motivos, os progressos estão longe do que desejaríamos, mas a confiança no futuro mantém-se íntegra e a certeza na vitória não esmorece. Lembre-se que começámos sem quadros próprios, sem instalações — e até sem possibilidades de as obter! Olhando assim o passado, surpreende como tanto se conseguiu já.

A conversa prosseguiu ainda, versando projectos, analisando realidades, comentando acontecimentos; mas, para o jornalista, o artigo findava ali, naquelas palavras de fé do chefe da juventude portuguesa: confiança na boa vontade dos homens dedicados que o rodeiam na sua tarefa magnífica — e esperança no prodígio desabrochar de energias das gerações vindouras, que na estafeta do tempo hão-de levar o brilhante facho das imorredouras tradições de Portugal!

HIPISMO

1

Os vencedores das provas efectuadas no domingo no campo do Jockey Clube

O CAMPEONATO DE FUTEBOL DA ALA 2 DA "M. P."

Efectuou-se no sábado, no Lumiar A, como referimos no nosso lugar, uma festa da «M. P.», cujo número de maior interesse era constituído pelo jogo final do campeonato de futebol da Ala 2. As fotografias mostram os dois «teams» (2) e Pinto Rodrigues, que venceu a prova de 200 metros (3)

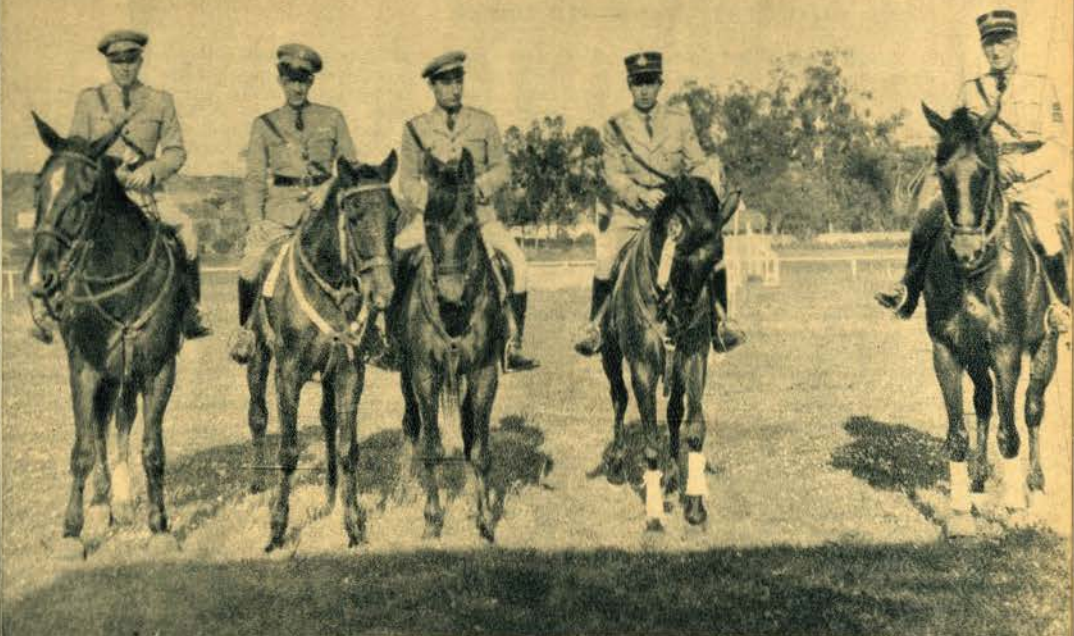
"STADIUM"

no Sport Lisboa e Águias

4

Durante a nossa visita ao simpático clube (ver página 8).

Acontecimentos da semana



2



3



4

CICLISMO

Vitórias de João Rebêlo, Baptista Alves, Maximino Silva, Miguel Gaspar e Rosa Martins

nas primeiras provas da época

HAVIAM-NOS dito que João Lourenço, mercê de preparação intensa e cuidada, estava a «andar» como nos seus melhores dias. Também nos tínhamos informado que Inácio havia atingido boa «forma» já há alguns dias e que Aristides e Bartolomeu, embora menos treinados que no final da época de 43, não destoavam do conjunto formado por aqueles dois estradistas «leônios». Como conheciamos, por de perto convivermos com eles, que Eduardo Lopes, Rebêlo e Jacinto, embora ainda não estivessem absolutamente «afinados», já se encontravam «rolados» de maneira a percorrerem, em treinos, 50 quilómetros em 1 h. e 40 m., chegámos à conclusão de que a prova de abertura viria a ser um «caso sério». Por um lado, porém, a sorte da corrida — porque em ciclismo, mais talvez que noutra qualquer modalidade, também tem capital importância a sorte da competição, e porque a ausência de alguns elementos não permitiu que «juizássemos, com segurança, das verdadeiras possibilidades dos «leões» e «luminantes».

Tendo partido apenas seis corredores, pois Aristides e Bartolomeu não alinharam por motivos de doença, e sendo Lourenço, Lopes e Jacinto obrigados a desistir por «furo», a luta, que prometia ser renhida, veio a travar-se apenas entre Roberto, Inácio e Mourão, perdendo por isso a competição muito do seu mérito sob aspecto atlético e quasi toda a sua beleza espectacular.

Da mesma maneira que não conseguiu saber-se qual dos dois agrupamentos é por agora no conjunto o mais equilibrado, também não se pôde verificar qual dos corredores está, neste princípio da época, mais bem apetrechado para vencer.

Porque pode dizer-se, até, que os resultados de domingo derivaram mais da tática empregada do que propriamente da superioridade atlética deste ou daquele corredor. É certo que a desistência de Lourenço e Lopes modificaram a marcha das operações e que, se eles concluíssem a prova, os resultados seriam outros — e isto porque nem Rebêlo está ainda em forma que lhe permita fugir longe da meta, única maneira de triunfar sobre aqueles dois adversários, nem Inácio tem ainda o «pano rijo» capaz, também, de distanciar tais adversários, nem tampouco Jacinto, pode por agora, secundar ataques capazes de «tocarem» aqueles estradistas a ponto de lhes furtar o favoritismo, em provas tão rápidas como são os 50 quilómetros de abertura.

Assim, Rebêlo venceu porque soube, com inteligência, iniciar a embalgem final no momento oportuno, surpreendendo o adversário e cedendo-lhe o pior lado, para tentar a ultrapassagem — o lado do público, a fazer funil.

Inácio pôde ser segundo porque Rebêlo, atacando a fundo em Carriche, «descolou» Mourão, que durante longo tempo fez figura de provável vencedor, dadas as suas qualidades de homem rápido. O próprio Mourão conseguiu agüentar-se até tão próximo da meta porque, dada a ausência de perseguidores, os três homens puderam fazer um final de corrida bastante tranqüilo.

Portanto, vista a maneira como a prova decorreu e a forma como cada concorrente se impoz, concluímos que os «ases», afinal, não estão ainda com a sua mecânica de rolar devidamente afinada. E não está afinada porque... não deve estar, pois quem estivesse *au point* em Março arriscar-se-lia a sentir-se fatigado em Agosto ou Setembro.

Consideramos portanto normal o afogamento demonstrado por Lourenço, após a série de ataques movidos por Jacinto, que demonstra ainda certa falta de fôlego, como normal achamos a pouca pujança nos arranques de Rebêlo e a pouca «souplesse» mostrada por Inácio e Jacinto a preparar. Mas todas estas deficiências irão desaparecendo com a seqüência das provas...

Não tendo seguido as corridas das restantes categorias e baseando-nos, apenas, nos resulta-

dos das mesmas, há que achar natural a vitória de Baptista Alves, em seniores, logo que Rocha e Tavares da Silva, permitiram que o sportinguista chegasse com eles ao local da meta. Há também que considerar bastante meritório o triunfo de Maximino Silva, em juniores, pois a pesar de estar bastante tempo, sem rolar soube impôr-se a corredores mais novos e mais fortes.

Devemos ainda aceitar como prometedoras a vitória do «combatente» Miguel Gaspar, um rapaz com habilidade, e a supramacia do Benfica no conjunto dos iniciados, que traduz afinal o esforço que a secção daquele clube tem despendido para apresentar um núcleo de corredores que esteja em relação com as tradições da colectividade.

Quanto ao primeiro lugar, obtido pelo «leão» veterano Rosa Martins, é o reflexo da combatividade daquele estradista — e sobretudo do seu constante treino sobre a máquina.

Eis um resumo das primeiras classificações: Independentes: Rebelo, Inácio e Mourão. Tempo: 1 h. 39 m. 5 s.

Amadores, seniores: Baptista. Tavares da Silva, Rocha, Dias Santos e H. Ribeiro. Tempo: do 1.º 1 h. 45 m. 18 s.

Amadores juniores: Maximino Silva Catarina, S. Paulo e Avelar. Tempo: 1 h. 45 m. 18 s.

Iniciados: Miguel Gaspar, J. Barros, Alexandre Sousa, José Coelho e Armando Silva. Tempo: 1 h. 33 m. 22 s.

Veteranos: Martins, Alves, Conceição, Dias, Campos, Maduro e Mateus. Tempo: 1 h. 38 m. 38 s.

Os independentes e amadores correram no percurso Lisboa-Venda-Lisboa e os iniciados e veteranos foram a Alhandra e volta.

GIL MOREIRA

ZÉ DO PEÃO

II DIVISÃO DO NACIONAL

União de Coimbra, Sporting da Covilhã Estoril Praia e Unidos do Barreiro

asseguraram a sua permanência na prova

A décima quinta jornada do torneio menor da F. P. F. deixou fora da prova mais quatro equipas.

Quere isto dizer que se fixou em catorze o número de clubes a quem ainda é permitido pensar no almejado título.

Na primeira «onda» da fase mais importante do torneio foram eliminados o Sporting de Espinho, o Lanifícios, o Operário Vilafranquense e o Fósforos, que tiveram por adversários, respectivamente, o União de Coimbra, o Sporting da Covilhã, o Estoril Praia e o Unidos do Barreiro.

Se alguém, mais afoito, se tivesse dado ao trabalho de fazer prognósticos, não devia ter errado as suas previsões pelo que respeito aos três primeiros. Porque o encontro Unidos do Barreiro-Fósforos era, quanto a nós, o de resultado mais problemático.

Viu-se, afinal, que a vantagem de jogar em casa foi excelentemente aproveitada. Os clubes a quem a sorte batejou, nesse capítulo, não deixaram fugir a oportunidade de tirar partido desse benefício. E, por coincidência, foram aqueles que nas anteriores «edições» do União mais se «habitaram» a ela. Os dois factos referidos podem ter constituído poderoso factor para o despaço das lutas.

*

O confronto entre o futebol das associações de Aveiro e Coimbra, foi mais uma vez favorável à Lusitana. O campeão de Aveiro, o Sporting de Espinho, foi batido — e bem — pelo sub-campeão de Coimbra — o União. É de pensar que há meses atrás o resultado fosse menos desiludido.

O Sporting da Covilhã teve deslocação difícil para Portalegre, onde derrotou o prometedor Lanifícios. Quem assistiu à luta pôde presenciar o desafio mais equilibrado da jornada.

O Estoril recebeu a visita do Operário Vilafranquense e correspondeu ao que se esperava. O resultado deve traduzir bem as possibilidades das duas equipas.

O Fósforos foi o clube que sofreu maior punição, imposta pelo Unidos do Barreiro. Crémus que o resultado é demasiadamente expressivo para o valor normal das duas equipas. Mas, é de presumir que os lisboetas acusam certa desmoralização ou falta de confiança nos seus recursos. Porque... já se sabe...

CAVALOS & CAVALEIROS

Uma iniciativa da «Stadium» que diz respeito ao conhecimento elementar das artes hípiacas

NEM toda a gente conhece as dificuldades e a beleza da arte de bem cavalgar: uma coisa é «escarranchar-se» (passe o termo) em cima de um animal e outra é saber conduzi-lo com proficiência, como convém a um cavaleiro que preze o nome. Algo se tem escrito — e muito há-de escrever-se ainda — acerca desta arte difícil, que não se aprende mas se assimila, consoante as necessidades de ocasião, a nobreza ou a querença de cada montada: o cavalo é, por natureza e índole, um animal nobre e inteligente, que nem sempre se deixa dominar... Não há ninguém no orbe terrestre que não tenha sentido — ao menos uma vez na vida — a vontade ser cavaleiro: é uma aspiração legítima e até certo ponto justificável, e então sabendo-se que nenhuma rapariga resiste à tentação de admirar, o moço audaz e despenhado que monte um corcel.

Diz-se, com verdade, que o cavalo se impõe sempre aos profanos e aos entendidos desde reis e fidalgos aos ciganos que percorrem as feiras num «currículum vitae» infatigável. Síntese admirável, expô-la, há pouco tempo ainda, o ilustre académico dr. Júlio Dantas, no discurso de inauguração da estátua de D. João VI, em Vila Vicosa, sonho realizado a que infelizmente não pôde assistir o seu maior obreiro, o malogrado dr. Duarte Pacheco: — *no mundo das estátuas — imóvel, apolíneo — o cavalo é o criador de epopeia: é ele que traduz o domínio, a força, a bravura, a lealdade; é ele que torna grandes os pequenos homens e majestosos os grandes reis. Verdade tão verdadeira como a existência do mundo — esta apologia, de um mestre das letras, ao mais nobre dos animais, constitui o símbolo do reconhecimento pelas qualidades de inteligência, lealdade e bravura do cavalo.*

Pois bem: «Stadium», no intuito de contribuir, com um mínimo de possibilidades, para o desenvolvimento da arte de bem cavalgar e

para o conhecimento rudimentar daquilo que se prende com as práticas hípiacas, vai publicar nas suas colunas uma série de artigos sobre o assunto. Não têm esses escritos carácter dogmático ou sequer doutrinário: trata-se, simplesmente, de artigos de divulgação, que servem a toda a gente. Não se pretende estabelecer polémica de carácter técnico, que a matéria, por vasta e complexa, presta-se a contradições de toda a espécie, desde a destriça de raças — e isso não interessa tocar aqui — até ao conhecimento das condições de vida das diferentes origens; o que importa, isso, sim, é dar a conhecer, em pormenor, alguns «casos» que nem toda a gente sabe. E aqueles que realmente conhecem o cavalo — ou julgam conhecê-lo, através do contacto que com ele tenham mantido — guardam avaramente, para si, esses conhecimentos; muitas vezes isso constitui segredo de picadeiro ou de criador — e não passa dali.

Dividiremos esses artigos em vários capítulos. E, assim teremos: I. *Poldros na pastagem*; II. *Recolha dos poldros à mangedoura e preparatórios do seu ensino*; III. *Amansio e adaptação de qualidades, consoante as suas tendências sejam para sela ou tiro*; IV. *Ensino do cavalo de sela*; V. *Ensino do cavalo de tiro*; VI. *Preparação de animais para toureira (lida e cortezas)*. VII. *Cavalos de alta escola e para circo*; VIII. *Preparação de cavalo de corrida e de concurso (duas partes)*; IX. *Preparação sintomática e sistemática do cavaleiro na generalidade*; X. *Cavalos e cavaleiros: Síntese do estudo e ensino*.

Nas suas linhas gerais — o que se pretende é divulgar, nas colunas de «Stadium» (acompanhando o artigo com ilustrações correspondentes a cada um dos assuntos neles desenvolvidos) o que acima fica exposto: e nunca, entenda-se, com carácter dogmático ou mesmo doutrinário...

O Sporting é legitimamente o campeão de 1944. Termina assim a azafama dura como todas as coisas difíceis e ásperas a que não faltam penosos obstáculos.

Seria deslocado pôr-se, aqui, a questão de saber se ganhou o melhor, ou se a vitória do Sporting tem o merecimento da justiça. Nos campeonatos em *poule* de duas voltas, longas e árduas, com valores sensivelmente equilibrados, aquêlê que chega ao fim no alto da Tabela não pode deixar de ser o n.º 1. Se um grupo não tiver valor, resistência e possibilidades, não há *sorlie* que o eleve ao título de campeão. Isso é bom para os campeonatos ao deita-fora, sujeitos ao capricho dos sorteios e às vezes à boa ou má estrela dum só desafio. O Sporting venceu porque, no conjunto de todas as jornadas, foi o mais regular (característica valiosa nestes torneios) e o de melhor média. A taça, portanto, fica bem entre as garras do leão.

Várias razões justificam o triunfo — preparação física; moral à altura dos acontecimentos; ciência do jogo, fundindo-se a juventude de alguns elementos de raça no saber e na experiência da maioria dos componentes do grupo.

Realmente, o Sporting é um modelo de preparação física ou atlética. Cedo, no início da época, os jogadores começam a preparar-se convenientemente, sob o ponto de vista muscular e respiratório, insistindo pela época adiante com mais cuidados à medida que o tempo decorre.

Mas isso de nada serviria se o Sporting fôsse um onze descrente do seu mérito, numa palavra, não tivesse o que se chama *moral*. Abalado o grupo, neste capítulo, no Campeonato de Lisboa, a reconstrução tem vindo a operar-se, graças ao elixir que se chama triunfo sobre triunfo — a que nem os erros de natureza técnica conseguem tirar virtudes.

Certo, ainda o Sporting não conseguiu fazer a renovação profunda do *team*, mas é indiscutível que a injeção de sangue novo a cargo de Albano, Eliseu e António Marques (inclue-se na lista Barrosa) veio remocar um futebol experiente e feito de experiências, dando um *amalgama* de liga suficiente para resistir aos embates furiosos da longa competição. Estas — as razões da vitória, em síntese.

Falta ainda uma jornada. Mas essa disputa se apenas por estar no mapa. A verdade é que o Campeonato acabou no passado domingo. E bem. Com chave de ouro. E uma vibração, um entusiasmo e um interesse indescritíveis. A luta andou acesa até ao último momento. Os *teams* mais qualificados dispuzeram-se em fila indiana, e sucessivamente, etapa a etapa, foram se descolando até ficarem somente dois — tendo um deles alcançado a meta numa arrancada prodigiosa de esforço.

A *classificação geral* — resolvido como se encontra o problema fundamental — pode, no entanto, sofrer leves modificações, subindo um, descendo outro uma mizalha. Mas o quadro de valores está em exposição, e dêle alguma coisa se conclue.]

A primeira observação que salta à vista é a magnífica posição do Atlético — na esteira dos dois maiores clubes portugueses. A indicação claríssima de que despoitou um novo astro no firmamento do nosso futebol. Logo a seguir, o Pôrto, o Olhanense, e o Belenenses, pela ordem indicada com a diferença de um ponto. Isto — alguma coisa significa. Marca e define, é certo, o abaxamento do grupo de Belém mas também estabelece a recuperação do Pôrto, feita à custa de tenacidade e inteligência, num invulgar trabalho de revisão de valores, e a ascensão de Olhão, a qual não deixará de ter repercussões futuras.

Enfim, o Vitória de Setúbal voltou a estar em foco — após

SPORTING, CAMPEÃO DE 1944

O n.º 1 é o melhor de facto e de direito

em torneios como aquêlê que já acabou — não acabando...

Vendo o panorama do futebol português em conjunto

por TAVARES DA SILVA

decadência um pouco prolongada. O clube acordou definitivamente, tendo a sua actuação a característica da vontade. Vitória de Guimarães e Académica estão em crise. E o Salgueiros está ainda muito verde. Quere dizer, e em apontamento último, a orientação de meter no campeonato nacional o maior número possível de Associações ou Regiões canta vitória, no duplo ponto de vista económico e desportivo, devendo, portanto, insistir-se em semelhante critério, ainda que cautelosamente. Não deixando de ter significado saliente e muito importante o facto do Salgueiros, representante da Associação do Pôrto, a segunda do País, se mostrar o mais fraco de todos os *teams*, e alguns grupos da Província expõem, claramente, progressos evidentes. Uma região como a de Aveiro, por exemplo, semeada de muitos clubes, começa a ser candidata a ter em conta.

A próxima jornada vai disputar-se por obrigação regulamentar. As melhores atenções dirigem-se para Olhão. Mas o espectáculo empolgante da final Sporting-Benfica domina ainda tudo — dominando por algum tempo. Há quadros e pinturas desportivas que nunca mais esquecem.

Como o Sporting venceu — com brilho. Como o Benfica perdeu — honrosamente.

Entre dois campos, parêdes-meias, o factor ambiente está mais esfumado. Mesmo assim, a sua importância é tão grande que alguma

coisa ainda representa. À entrada do Lumiar, a maior ovação foi para o Sporting, e pelo tempo adiante a sua massa associativa, em ebulição, acompanhou bem, e com moral, o grupo. Este pormenor exerce a sua influência. Não se pode negar que o que, se passa cá fóra, tem representação lá dentro. A inversa também é verdadeira. Mas isso não tira nem põe ao caso. Talvez justifique, mesmo, a extraordinária *alma* desta vez revelada pelo onze leonino.

Possivelmente, o Benfica entrou no terreno preocupado com o chamado problema da defesa. Os *teams* não são insensíveis às suas doenças. Mesmo que não quizessem pensar nisso, estamos em crer que elementos da linha medular não só entraram em campo com essa preocupação, como nunca a perderam, quasi em todo o encontro, como o atesta o visível retraimento dum *linha* que, sabendo fazer o jogo de posição, gosta de aventuras e audácias. Por outro lado, o menor poder da linha de ataque, pelo não-alinhamento forçado do dinâmico Teixeira, não era de molde a permitir a rasgada iniciativa benfiquense logo de início — arriscando tudo para ganhar tudo. Porventura uma necessidade nesta espécie de contendas.

O Sporting encontrou pois, no próprio adversário e sua disposição, excelente terreno para lançar a semente no seu jogo, empregando um plano, porcerto previamente delineado. Consistia a tática — coisa simples, mas verdade futebolística — em carregar a fundo no primeiro quarto do hora, para a defesa benfiquense, tida como fraca, se renda ou dar de si, e os sportinguistas dominaram então a situação. Por completo. Ou como pudessem. Ou até onde chegassem as forças.

A tática não foi mal pensada. Nem sequer mal executada. Com uma vontade firme, os *leões* encaminharam-se para as rédeas do adversário — impoando a ofensiva, tanto mais encontrando-se o antagonista, como se encontrava, em ideia de defesa. Para isso, e além disso, o *team* do ataque deu à partida o estigma da velocidade, mesmo em prejuizo da técnica e da boa ordenação dos lances. Como se a fórmula fosse; — *enquanto houver resistência e pulmões não se pode parar um instante, e cada golpe, mais rápido que cada golpe*. Velocidade que, diga-se de passagem, o Benfica aceitou e suportou de cara algre, embora um tudo-nada surpreendido, vendo que o adversário estava utilizando armas que normalmente são suas. Evidentemente que, pelo tempo fora, os jogadores haviam de mostrar os estragos causados pelo futebol diabólicamente veloz da primeira parte, e o segundo tempo mostrara que era assim mesmo. Tudo tem o limite.

Por outro lado, e como consequência, o futebol imposto pelos *leões*, mas produzido pelos dois contendores, perdeu muito em precisão e mecânica porque todos os jogadores preocupados em jogar com velocidade — uns para chegarem sem perda de tempo às redes, outros para repelirem rapidamente a bola para longe, em caminho das redes contrárias — faziam o golpe de qualquer ma-



A «IMPÉRIO» é a única Companhia autorizada a cobrir os riscos derivados das práticas desportivas. Seja previdente, adquirindo uma apólice da «IMPÉRIO» — a Companhia de Seguros que dispõe de maior capital



COMPANHIA DE SEGUROS «IMPÉRIO»
Rua Garrett, 56 — LISBOA

(Conclue na pág. 9)

O exemplo de um «pequeno»

O SPORT LISBOA E ÁGUIAS

Fundou uma Caixa de auxílio a atletas em caso de acidente em jogo

TEM-SE falado muito da necessidade de estudar e resolver, em bases oficializadas, o caso do auxílio aos desportistas que são atingidos por acidentes em campo. Há vários projectos, o assunto tem sido objecto de estudos, mas até agora, e de maneira geral, ficavam a cargo das finanças dos clubes as despesas de tratamentos e salários perdidos.

Pois há dias tivemos conhecimento de que acabava de fundar-se uma «Caixa de auxílio a atletas no caso de acidente em jogo» e — caso digno de particular nota — fôra instalada um dos designados clubes pequenos, ou populares — o Sport Lisboa e Águias.

Chamaram-nos a atenção para o caso, que nos despertou natural curiosidade. E fomos até lá...

O Sport Lisboa e Águias é de facto um pequeno clube, de recursos muito modestos, mas que singra em vida equilibrada e metódica. Tem actualmente 352 sócios, na grande maioria do bairro de Campo de Ourique, onde existe a sua sede.

Foi fundado em 1928 e desde então dedica-se sobretudo ao futebol, desporto no qual já conseguiu resultados muito interessantes. Lemos, o popular jogador da Académica de Coimbra, começou neste simpático agrupamento — que projecta dedicar-se também a outras modalidades, como o «basket» e o «handball», e pode ainda reunir interessante equipa de atletismo. Mas esbarra na dificuldade de obter o necessário campo, obstáculo difícil de vencer e que entrava a sua expansão. Há ainda outra contrariedade com a qual luta: a pequenez da sua sede...

Um pormenor interessante: apesar de modesto e da escassez dos seus recursos, já regularizou todos os pormenores que se prendem com o regulamento da Direcção Geral dos Desportos. Honra lhe seja!

Os rapazes do Sport Lisboa e Águias, gente nova, folgazã, mas empreendedora e dedicada, sentem-se com forças para iniciativas de maior alcance. Têm o apoio de um bom grupo de pessoas e querem fazer melhor. E merecem ser ajudados — particularmente pela boa compreensão que possuem do que é o desporto. Surpreendeu-nos, mesmo, o equilíbrio revelado nas suas idéias — que não é vulgar em agremiações desta natureza.

Quando estivémos no Sport Lisboa e Águias recebeu-nos Fernando Pozal, dedicado

amigo, que preside à assembléa do clube, e Américo Filipe da Silva, presidente da direcção e trabalhador incansável, como provou já na Associação de Ténis de Mesa. Rodeados da maioria dos outros directores e dos componentes do conselho técnico, explicaram-nos a idéa que presidiu à fundação da «Caixa», nascida de um acidente sofrido por um jogador do clube e que se tornou dispendioso para as escassas disponibilidades financeiras da colectividade.

Por isso me'eram mãos à obra:

— Resolvemos — diz-nos Américo Silva — pensar no futuro e até dar um exemplo. E fundamos a «Caixa de Auxílio», que é gerida pela direcção, contribuindo o cofre do clube com cem escudos para o respectivo fundo associativo.

— E receitas?

— São constituídas por 25% de receita líquida mensal da quota suplementar para o futebol, por donativos e produto de festas e pela quotização dos sócios efectivos e auxiliares da própria Caixa, ou sejam, respectivamente, os atletas em actividade e os sócios do clube que não praticam desporto. Os primeiros contribuem com um escudo mensal e os segundos com a módica quantia de dez centavos por semana...

«Apesar da insignificância destas verbas, a Caixa pode responsabilizar-se pelo pagamento de salários até à importância de 40% dos fundos que possua na data em que qualquer atleta sofre um acidente em jogo e que

o prive de trabalhar. Igualmente toma a responsabilidade pelo tratamento, até 10% dos fundos, nas mesmas condições».

— E quando as responsabilidades excedem as percentagens previstas? — perguntámos.

— Os nossos atletas não serão abandonados por isso. Previu-se essa eventualidade e deu-se à direcção os poderes necessários para tomar certas medidas que permitam fazer-lhe face. Claro que se estabelecem limites aceitáveis, atingidos os quais cessa a responsabilidade atribuída à missão da «Caixa de Auxílio» e da direcção.

«Para evitar qualquer abuso, só se consideram os proventos do trabalho do atleta, tomando por base os salários ou ordenados escriturados nas casas onde trabalhar.

— E no caso de se encontrar desempregado?

— Ter-se-á sempre em conta o último salário auferido.

— Esperam poder fazer face aos casos que surjam?

— Sim, sem dúvida. A nossa população associativa é pequena — mas dedicada e honesta. Estou convencido de que não teremos de lançar mão dos artigos do regulamento da Caixa que permitem sanções aos que tenham quotas em atraso ou que pretendam ludibriá-la...

Aqui têm os leitores uma iniciativa deveras simpática, posta em execução por um clube modesto, de pequenos recursos — mas diligente, trabalhador e muito equilibrado na sua actividade. Merece os aplausos de todos os bons desportistas.

Oxalá o Sport Lisboa e Águias possa levar por diante todos os seus projectos e guindar-se ao plano, a que tem direito pelo seu bom esforço. Por nossa parte, pode contar com a colaboração que a missão que nos orienta permita proporcionar-lhe.

O Aspecto Patológico do Pugilismo

NOTAS DE RAFAEL BARRADAS

EMBORA durante os últimos trinta anos a cultura física e o desporto se tenham transformado em actividades, tanto educativas como recreativas, de importância capital, a profissão médica apenas começou, ainda, o estudo dos muitos e variados problemas clínicos «específicos» que têm surgido, origin dos pelo crescente desenvolvimento daquelas actividades.

Recentemente, um médico sul-africano lamentava que, em referência ao desporto e à educação física, não houvesse, no seu país, mais aproximação entre a medicina académica e especulativa, de um lado, e a aplicada, do outro. Muito poucas entidades e pessoas, no dizer dele, se dedicam ao estudo dos problemas médicos, especiais, que se prendem com os desportos.

Sem dúvida alguma, tal género de trabalho é tão difícil como importante, pois, juntamente com a posse de elevado número de processos de investigação laboratoriais e clínicos exige fortes conhecimentos que dentro da própria medicina são especializações.

O jogo do sóco, supomos nós com algum fundamento, é dos mais cativantes e, infelizmente, pródigos mananciais de casos clínicos e patológicos dignos de estudo aturado e minucioso. Desde longa data, homens de letras, antes de quaisquer outras pessoas, têm dado flagrante relevo a certos aspectos mórbidos do pugilismo, que o classificam de desporto estranho e dramático, sem paralelo com outro qualquer.

Conan Doyle, Jack London, Bernard Shaw e Pierce Eagán, em especial, sentiram por instinto que o jogo do sóco é um problema clínico, humano e social.

Entre nós, não achamos que o mais ligeiro movimento se tenha iniciado para ir ao encontro de uma necessidade tão imperativa como atraente. Nem na imprensa, nem por meio do livro, não vemos debatido ou agitado esse problema.

De-certo que o ambiente do pugilismo em Portugal é, e possivelmente continuará sendo, de reduzidos horizontes, motivo porque o de-

sinteresse dos médicos se explica amplamente. Mas existe literatura bastante, em língua inglesa e alemã, sobre a patologia do «boxe» e a divulgação escrita das conclusões e opiniões de clínicos experimentados, a descrição de alguns casos flagrantes, teorias explicativas das mais graves moléstias típicas a que o pugilismo, infelizmente, dá origem, — tudo isso seria esplêndido para a cultura do amador do jogo, do leitor e das pessoas que, por qualquer maneira, gravitam em torno do desporto.

Bastantes pugilistas, jogadores profissionais em especial, após longa prática do «boxe», aparecem sofrendo de sintomas variados, indicativos de uma deterioração permanente do seu sistema nervoso central. Não se pode dizer que isso venha a ser, afinal, uma descoberta recente.

Pelo contrário, desde longa data que tal fenómeno é conhecido e registado. Mas até 1928, segundo cremos, o mundo médico não tinha travado ainda conhecimento com a moléstia que, em linguagem tipicamente boxística, se denomina *punch drunkenness*, ou, literalmente, «estado patológico produzido pela recepção de golpes violentos que produzem sintomas comparáveis à embriaguez».

Em Portugal existem casos notórios dessa moléstia. Um, foi mesmo popularíssimo no ring, onde fez carreira e ficou conhecido pela alcunha de... (um crustáceo vulgar).

A nossa falta de cultura em assuntos de medicina impossibilita-nos de entrar em pormenores técnicos. No entanto, prometemos aos leitores, em artigo próximo, apresentar o assunto da *dementia pugilistica* ou *punch-drunkenness* ou, ainda, embriaguez boxística, se permite que proponhamos um nome para a moléstia...

Neste assunto seguiremos a bibliografia que possuímos, em especial uma comunicação apresentada, pelo Dr. Yokl, em determinado congresso médico de Johannesburg.

Confiamos em que alguns dos nossos leitores aprecie o estudo de tão momentoso como notável assunto.

INSTITUTO Carmel
BELEZA E ESTÉTICA
Ginecista da Liberdade, 204A
* * * * * TELEF. 43815 * * * * *

CABELEIROS, MASSAGISTA, MANUCURE, PEDICURE,
BANHOS, ESCOCÊS, DE DEPURACÃO E DE LUZ.

COIFFEURS, MASSAGE, MANUCURE, PEDICURE
BAINS ÉCOSOIS, DE DÉPURATION ET DE LUMIÈRE

Os 50 Km. clássicos foram ganhos por Império dos Santos, do Salgueiros

PARA início do calendário elaborado pela Associação de Ciclismo do Norte, realizou-se a prova clássica de 50 km., no percurso Pórtio-Baltar-Pórtio.

Foi como que uma experiência de forças num primeiro contacto com a estrada em competição oficial e dela poucos resultados se devem ter colhido.

Havia interesse no duelo Império dos Santos-Pardal, como consequência da expectativa sobre o resultado desta corrida. Mas foi uma desilusão, pois Pardal limitou-se a obter o quarto lugar...

Império dos Santos, o primeiro a atingir o «controle» em Baltar, ganhou um prémio particular, instituído naquela localidade. Manuel Pereira e Aniceto Bruno cortaram a meta com pouca diferença do vencedor.

Na categoria amadores-seniores, disputada contra relógio, apareceu só um concorrente, António Carlos, do Rio Leca, que fez o percurso em 1 h. e 40 m. As categorias de amadores júniores e iniciados também tiveram reduzidos lotes de corredores. Os tempos dos vencedores — respectivamente Pereira da Costa, do F. C. P., com 1 h. e 47 m., e Manuel da Silva, do Matosinhos, com 1 h. e 48 m. — são fracos.

Império dos Santos gastou 1 h. e 37 m. ou seja com a média horária de 33,402 km.

As dificuldades de transporte não permitiram que a prova pudesse ser devidamente acompanhada.

SPORTING — campeão de 1944

(Conclusão da pág. 7)

neira, saindo a bola por alto, a maior parte das vezes. Feição de jôgo que, favorecendo sportinguistas, de compleição mais robusta, não parece propícia à passagem certa, e com certeza em força e direcção.

É indispensável assinalar, para a completa apreensão do desafio, que o Benfica, chegado o período derradeiro, passou claramente da defensiva para a ofensiva, com a valentia e coragem do costume, encontrando nessa altura um Sporting já a contentar-se com o jôgo solitário de Peyroteo. Então — sim. Médios avançados — como barreira de reforço dum ataque que nunca chegou a entender-se, pois os *ex-Itimos*, bem cobertos, pouco puderam fazer. E, no trio central não houve colaboração nem entendimento. Mas, nessa altura, a defesa do Sporting não abriu brecha e o esforço da linha média benfiquense perdeu-se — esmorecendo.

Caso curioso, e para salientar, o Benfica não perdeu o desafio por causa da linha defensiva, pois esta conservou-se à altura do forte ataque que teve pela frente, conseguindo, muitas vezes, a situação vitoriosa nos lances, e mostrando ainda boa conjugação do terreno, pelo menos, melhor do que nas suas últimas exhibições. Também a linha — a célula média — que ordinariamente causa apreensões ao Sporting não se portou mal — apesar de Barrosa estar muito longe de ser um médio, quanto mais um médio-centro. Não lhe faltava vontade. Nem energia. Nem sabemos de jogador mais voluntarioso — capaz de dar-se integralmente à luta. Todavia, além da sua colocação ser deficientíssima, e daí a constante corrida atrás da bola sem nunca a encontrar, o jovem jogador tem o defeito de ser *meio jogador*, isto é, de se ver na necessidade de utilizar quasi sempre o pé direito devido à falta do esquerdo.

O caso Barrosa merece reflexão. Quando se diz que o grupo, desde que joga a médio-centro tem ganho, ou não tem perdido, diz-se uma verdade sem importância, porque muito bem podia acontecer que, jogando outro, as vitórias fossem mais vitorias. De resto, aos jogadores inclinados para um tipo de jôgo (magníficos no futebol de posição pelo trabalho de vigilância à unidade contrária) há que ter muito cuidado com eles. Barrosa, dificilmente será um bom médio-centro. E até pode esquecer-se, com estas andanças, de ser um bom defensor, ou de vir a sê-lo. A arbitragem de Vieira da Costa foi segura, firme e imparcial, mas com muitos toques de apito — não deixando jogar. Compreende-se tal procedimento quando os elementos em campo revelam tendência para o caminho das violências. Na hipótese presente não havia razão para isso. Os jogadores, em vez de dificultarem, como tantas vezes sucede, facilitaram a arbitragem, apresentando-se, portanto, o desafio como um modêlo de desportivismo.

Destaquemos, em primeiro lugar, Eliseu, o médio que anulou a asa adversária, para em seguida citar Peyroteo, fulgurante no seu remate de *goal*; Mourão, o mestre do domínio de bola; Albano, pela sua agilidade e rapidez; Azevedo — Cardoso — Marques, um trio inspirando confiança em todos os momentos. Passando para o Benfica, Martins, Albino e João Silva foram os de primeiro plano, devendo destacar-se principalmente o comportamento deste último, que ainda outro dia apareceu à luz da primeira categoria.

Uma síntese de 4 desafios da Jornada. Tocando nos pontos fundamentais

Pondo de lado o encontro do Lumiar, a grande atracção da última jornada, é fora de dúvida que o jôgo do Lima ofereceu interesse. Nessa partida, mais uma vez o Belenenses fez a prova da sua falta de remate, limitando-se a dominar territorialmente — mas não passando daí. O gosto do pequeno toque na bola, ou do golpe de efeito, absorve de tal modo os atacantes belenenses que não há meio de os pôr a chutar às rédeas.

Assim, bastou ao Pórtio saber suportar o tal domínio territorial, organizando com sere-

nidade e certo à-vontade a sua defesa, e ainda aproveitar uma oportunidade de *goal* (uma só bastou) para o triunfo lhe servir.

O Olhanense mostrou a sua boa tèmpera na Tapadinha, não só pelo ponto arrancado como por ter obrigado o Atlético a empregar-se a fundo, com todo o seu espírito de combatividade; e o Atlético pôs à prova uma melhor organização de jôgo, sendo, no entanto, menos perigoso do que o seu adversário em frente das rédes — o que dá, em certa medida, o valor da linha atacante algarvia.

Em Guimarães, o Vitória não deixou perder a oportunidade de fixar definitivamente, no último lugar o Salgueiros, atacando logo de começo para não ter preocupações finais. Pois, apesar dos dois a zero no primeiro tempo, o Salgueiros reagiu, dando trabalho à defesa de Guimarães.

Em Setúbal, o vento não correu de feição para o grupo de Coimbra, embora este, de um modo geral, e em conjunto, tenha produzido uma exhibição agradável, pela ligação do jôgo e pela sutileza de vários movimentos e lances.

O Vitória mostrou-se terrivelmente prático — fazendo *goals* com impressionante facilidade. Ao fim da 1.ª parte, 4-0, e nos primeiros dez minutos 7-0, dá bem idéia deste poder prático. Jôgo que assim decorre — perde interesse e encanto.

Albano Pimenta de Araujo

Por falecimento de seu sogro, encontra-se de luto este nosso querido amigo, conhecido esgrimista e tesoureiro eleito da Federação Portuguesa de Esgrima.

A Pimenta de Araujo as nossas sentidas condolências.

Sportinguistas!!!

Leitão assado da Bairrada!!!

Ao grupo vencedor do desafio de domingo foi oferecido um leitão assado — o mais delicioso petisco para satisfazer a alegria dos vencedores!

Tôda a gente pode participar desta alegria festejando a vitória do Sporting com os famosos leitões assados, à venda na

Travessa de S.º Antão, 7
Telefone 24389

ANO XII — Lisboa, 22 de Março de 1944 — II SÉRIE-N.º 68

STADIUM

REVISTA DESPORTIVA

Director e Editor
DR. GUILHERMINO DE MATOS

Propriedade da
SOCIEDADE REVISTAS GRAFICAS LDA.

Redacção e Administração:

T. CIDADÃO JOÃO GONÇALVES, 19-3.º
Telefone 51146 — LISBOA

Gravura e impressão de NEOGRAVURA, LTD.

Composição e impressão tipográfica na
GRAFICA SANTELMO — LISBOA

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

Este número de «Stadium» tem 20 páginas e custa \$50.

«STADIUM» aconselha

para depois do futebol...

Uns aperitivos nas

BERLENGAS

todos os mariscos e cerveja

R. Barros Queirós, 35

A CENTRAL DA BAIXA

Restaurante — Pastelaria — Salão de chá

A casa mais indicada, no seu género, para se jantar depois do futebol

R. do Ouro, 94-98 — R. Sapateiros, 33-37

Gostou do futebol?

Então também vai gostar de jantar no

CAFÉ SUISSO

Largo D. João da Câmara

OLIMPIA CLUBE

oferece-lhe umas horas de agradável prazer com a orquestra

ABEL REZENDE



Três do
**SPORTING
 BENFICA**
 Era mais formidável
 luta do futebol
 português!



1 — A defesa executada por Martins, aos pés de Mourão, que evitou um ponto certo — mas deixou maguado; 2 — Desta vez César Ferreira chegou primeiro que Peyroteo. . . 3 — Após a vitória, Mourão fala ao microfone da Emissora Nacional, entrevistado por Quadrio Raposo; 4 — Os campeões: a contar da esquerda — Mourão, Peyroteo, Eliseu, Barrosa, Canário, Cruz, Albano, A. Marques, Cardoso, M. Marques e Azevedo. 5 — Enquanto os jogadores dão largas à sua alegria pela vitória, F. Ferreira abraça o feliz Jaime, captando a bola em mergulho; 6 — A máscara de F. Ferreira mostra quanta energia foi posta nesta jogada junto da baliza do Sporting; 7 — Martins segura um remate de Peyroteo. Mourão, Carvalho, F. Ferreira e Cruz observam (fotos Nunes d'Almeida)



ECOS & COMENTÁRIOS

O **Gimnásio Clube**, o velho **Gimnásio** que o falecido professor **Luiz Monteiro** ergueu na **Carreirinha do Socorro**, iniciou, há dias, o ciclo das comemorações do 69.º aniversário. Nas festas deste ano, associa dois factos de relevo — o centenário do nascimento do fundador e os anos que o **Gimnásio** completa. Solenizando, ao mesmo tempo, um novo período de gerência e o nome ilustre, e sempre respeitado, de quem o fundou, o **Gimnásio** dá às comemorações significado mais alto — recorda o passado, festeja o presente e concorre para assegurar o seu futuro.

Ao **Gimnásio**, as nossas afectuosas saudações.

COM o tempo esplêndido que tem feito já começou a nataçãõ em algumas praias. No **Estoril**, já há quem tome banhos — ao domingo, pelo menos... Quando principiarão alguns clubes a sua época de nataçãõ ao ar livre? A preparação técnica dos nadadores não pode ficar para quando abrir oficialmente a temporada. Tem de começar antes — e a tempo.

É magnífico o esforço de alguns clubes no balanço final do campeonato nacional de futebol. Succedem-se as jornadas de grande emoção, para os clubes e para o público. O futebol é, na verdade, um jogo de grande espectáculo!

EM Espanha não se abandona nunca o ambiente de carinho pelos jogadores que deoram, algum dia, brilho à representação do país. Para o dia 15 deste mês, com base nas festas a **S. José**, em **Valência**, estava marcado um jogo entre antigos internacionais de futebol.

Um desafio entre as **Velhas Glórias do Futebol** — foi um lindo título de reclame. E serviu para fazer descer novamente ao campo figuras que vivem ainda na saudade do público.

O CENTRO DE MEDICINA DESPORTIVA INSTALADO PELA FEDERAÇÃO DE FUTEBOL FOI OFICIALMENTE INAUGURADO NO SÁBADO

A Federação Portuguesa de Futebol, integrando as suas possibilidades na orientação determinada pela Direcção Geral de Desportos, montou os serviços de um Centro de Medicina Desportiva, que na quinta-feira passada foi facultado à visita dos representantes da imprensa e no sábado oficialmente inaugurado pelo sr. sub-secretário de Estado da Educação Nacional e outras entidades oficiais, para entrar em exercício de funções na próxima segunda-feira.

Parece-nos escusado dar realce à importância e consequências desta iniciativa, tão evidentes elas são, mas impõe-se-nos ao contrário o dever de exaltar a forma como ela foi posta em prática, sem atender a sacrificios, a fim de que o Centro desempenhasse no futuro a melindrosa missão para que foi criado.

O Centro ocupa as dependências de um andar num dos modernos prédios edificadas na **avenida António Augusto de Aguiar**, do lado do **Parque Eduardo VII**, e destina-se, em primeiro lugar, ao exame pré-desportivo de todos os futebolistas inscritos na área de Lisboa, serviço que até agora foi desempenhado pela Associação regional. Além disso funcionará diariamente uma consulta reservada aos jogadores já examinados e que, por qualquer motivo intercorrente, sejam enviados pelo médico do respectivo clube.

Por enquanto, pelo menos, não serão feitos no Centro quaisquer tratamentos.

A direcção dos serviços clínicos foi confiada ao dr. **Mesquita Guimarães**, tendo como auxiliares efectivos os drs. **Tibério Antunes** e **Simões Ferreira**; os trabalhos especializados de radiografia e cardiologia ficam respectivamente a cargo dos drs. **Telmo Correia** e **Arsénio Cordeiro**.

A montagem do Centro importou em cerca de duzentos contos e só foi possível mercê de

A Páscoa deste ano vai servir para reatar a tradição dos jogos de futebol entre seleções regionais. Estes desafios constituirão sempre pretexto magnífico de aproximação desportiva, para várias regiões do país. Em certa ocasião, pareceu até possível organizar um torneio nacional — de seleções. O esforço violento dos campeonatos e a falta de datas disponíveis, prejudicaram não só a tentativa do torneio como os próprios jogos. Subsistiu, apenas, o «**Pôrto-Lisboa**», algumas vezes numa única edição anual e sem entusiasmo.

Para o período que vai de 2 a 16 do próximo mês de **Abril** e que corresponde a uma pausa entre dois campeonatos, são vários os encontros em preparação: **Pôrto-Lisboa**, **Lisboa-Evora**, **Lisboa-Viseu**, **Evora-Beja** e **Seitubal-Faro**. Não há fome que não dê em fatura...

UMA outra notícia agradável é a que dá como certa a participação insular no torneio da «**Taça de Portugal**». A representação das ilhas constitui motivo de agrado. É bom renovar os programas — para evitar o cansaço do público, perante os mesmos jogos entre os mesmos clubes.

O desafio **Sporting-Benfica**, realizado no domingo, atestou uma vez mais o enorme interesse do público lisboeta.

O embate dos «leões» e das «águias», constituiu ponto fraco da população da capital. A assistência registada foi superior a tudo quanto se tem verificado, mesmo em alguns encontros nos quais o grupo nacional defrontou seleções estrangeiras.

E que, desta vez, além do interesse habitual do choque entre dois rivais antigos, conjugou-se a certeza de um dos dois clubes alcançar o título supremo.

inesperadas oportunidades, que permitiram a aquisição de alguma aparelhagem — praticamente impossível de obter nas circunstâncias actuais.

Na sua visita de quinta-feira, os jornalistas foram recebidos pela direcção da Federação, e acompanhados pelo dr. **Mesquita Guimarães** que, em cada sala, prestou os esclarecimentos necessários ao conhecimento dos seus objectivos.

Sucessivamente passou-se do gabinete de consulta e exame clínico à secretaria, onde foram mostrados os completíssimos boletins para registo das observações; aos gabinetes de biometria, de cardiologia e de radiologia, à câmara escura e ao laboratório de análises, à sala de espera e ao vestiário.

Em cada compartimento — todos sóbria mas elegantemente mobilados — nada falta da aparelhagem necessária aos fins clínicos a que foi reservado: parece-nos dispensável enumerá-la, bastando sintetizar na afirmativa de que existe material excelente para proceder aos mais minuciosos exames, dentro dos métodos que a experiência mostrou mais seguros e perfeitos nos seus resultados.

O trabalho do Centro de Medicina desportiva, guiado como vai ficar pelos mais competentes especialistas, destina-se a alcançar com certeza mais distantes objectivos do que aquele — já em si muito importante — que por agora lhe é assinalado. Funcionando, certamente, também como agente de estudos, ele reunirá, pela amplitude do seu meio de acção, elementos para determinar as características biométricas e biotipológicas dos desportistas lisboetas e ainda, como afirmou na sua apresentação o dr. **Mesquita Guimarães**, com o fim de contribuir para o incremento da medicina desportiva em Portugal.

APARECEM por vezes expressões com poder notável de sugestão e de evocação. Algumas delas merecem registo. Figura neste numero uma, que encontramos no diário desportivo «**Marca**», de **Madrid**, há pouco tempo. O **Atletico da Aviação**, em luta com o **Coruña**, no campeonato espanhol de futebol, não passava de um equilibrio traduzido na falta de pontos. Em determinada altura, marcou-os em série.

A «**Marca**», para pôr em destaque esta reviravolta, disse que o resultado se fez em «dez minutos de vendaval»... Tem graça — e não ofende...

A EDUCAÇÃO FÍSICA DA JUVENTUDE

A imprensa da especialidade, possuindo evidentemente objectivo mais amplo que o da imprensa diária, não tem, no entanto a sua expansão. Um artigo que ficaria bem na colecção de qualquer periódico desportivo, tem, quando publicado num diário, significado de maior relevo. É maior a sua projecção. Registamos por isso com duplo prazer a publicação de dois excelentes artigos do sr. capitão **Veiga Cardoso** — por conterem conceitos de notável oportunidade e por haverem sido insertos no «**Diário de Notícias**», em editorial, há pouco mais de uma semana.

Um assunto desta ordem — a educação física da mocidade — tratado, em «fundo», num grande jornal português, não pode passar despercebido. Bastaria o próprio título para justificar a referência. Mas, conforme já salientámos, os artigos contem conceitos oportunos, que correspondem à boa doutrina na matéria. Apresentados os nossos aplausos ao sr. capitão **Veiga Cardoso** pelos seus artigos, recordamos, com a devida vénia, do primeiro, os seguintes períodos:

«Quem tenha observado cuidadosa e aprofundadamente os rapazes portugueses da actual geração, certamente terá reconhecido que grande numero não tem senão capacidades físicas muito restritas, a-par do manifesto envilecimento de certas qualidades viris, com consequência de uma vida escolar sedentária que não exige, não solicita, nem estimula tais qualidades, fonte primacial e generosa dos valores que concorrem soberanamente para o engrandecimento dos povos que aspiram a ser fortes, ousados, corajosos e senhores dos seus destinos».

«Descendem os moços de hoje de uma geração em que se notava maior amor aos exercícios físicos, à vida ao ar livre, aos actos arrojados que endureciam o corpo e virilizavam o espirito.

«...a educação física, mantida em justos limites, é para a raça uma condição de regeneração e de força hereditária, firmando-se assim à cabeça dos ramos educativos, não só pelas razões já expostas, já de si tão imperiosas, como ainda por que deve ser considerada como base das restantes actividades do homem.»

O primeiro artigo do capitão **Veiga Cardoso** fechava com várias considerações acerca do que são os ginásios, e da forma como se ministra a gymnástica em muitas escolas particulares e no ensino secundário oficial. De algumas das escolas e estabelecimentos oficiais de ensino secundário, diz o sr. capitão **Veiga Cardoso** que são pouco mais do que casas onde só se ministra instrução intelectual.

No segundo artigo, tratou-se em especial dos ginásios e da prática da gymnástica nos estabelecimentos de ensino superior. As deficiências não diferem grandemente do ensino secundário para o superior. Há, pois, que rever o problema, para que o sistema se modifique no sentido indicado oportunamente pelo ilustre articulista.

VINTE ANOS ATRÁS

De 1923 para 1924

NESSE período pode dizer-se que só o futebol dava sinais de vida...

O III Portugal-Espanha

Aproximava-se o termo de 1923 e o meio desportivo estava ainda agitado com o recente fracasso registado em Sevilha, na tarde de 16 Dezembro, por ocasião do III Portugal-Espanha.

Perdemos por 3-0, mas certos acontecimentos que se verificaram à volta da nossa representação e o comportamento manifestamente infeliz dos nossos dianteiros, completamente nulos, pesaram mais que a própria derrota...

Os seis elementos das linhas atrasadas, êses, sim, tiveram actuação notável, principalmente o guarda-redes, o defesa direito e o médio centro.

Representaram Portugal: Francisco Vieira; Pinho e Ferreira; Fernando Jesus, Joaquim Felipe dos Santos e Henrique Portela; Fernando António, Alberto Augusto, Balbino, Jesus Crespo e Alberto Rio (capitão).

Alinharam por Espanha: Zamora; Pololo e Hermínio; Samitier, Sancho e Peña; Piera, Spencer, Zabala, Alcantara e Del Campo.

Arbitrou o belga Paul Putz.

Visitantes afamados

Nos últimos dias de 1923 e no começo de 1924 estiveram em Lisboa três famosas equipas de futebol da Europa Central.

Bons tempos!... Os austríacos do Sportklub Rapid abriram a série. Ganharam ao Benfica, por 2-1, e perderam com o Sporting, por 4-3.

O Nuselsky (checo) exibiu-se na altura da passagem do ano. Bateu o Império Lisboa e o Benfica, respectivamente por 11-0 e 2-0. Na despedida o Sporting voltou a «salvar a honra do convento», ganhando por 2-0.

A seguir veio o célebre Sparta, de Praga, considerado então o melhor e o mais forte agrupamento do continente! Deslocou-se completo. Entre nós estiveram Hojer, «o melhor defesa checo»; os médios famosos, Kolbenaty, o incomparável Kada e Cerveny; o extremo direito Sedlacek e Dvoracek que os aficionados alfacinhas conheciam de quando cá estiveram com o Union Zizkov, etc.

No dia 6, o Sparta defrontou um mixto, constituído com elementos dos três clubes que promoveram a deslocação, e que estava assim constituído: Francisco Vieira (S. L. B.); Joaquim Ferreira e Jorge Vieira (ambos do S.C.P.); Fernando Jesus, Vitor Gonçalves e Vitor Hugo (os médios do Benfica); Torres Pereira, Jaime Gonçalves (S. C. P.), José Rodrigues (Império); Emilio Ramos (S. C. P.) e Lobato (Império).

Resultado: 5-0 a favor dos visitantes.

O grupo do Império foi a segunda «vítima», pelo mesmo «score». O Benfica sucumbiu a seguir, por 6-0. Finalmente, competia ao Sporting defrontar os valorosos estrangeiros. O jogo efectuou-se no Campo Grande. Registou-se uma enchente memorável. Choveu a bom chover, mas ninguém arredou pé... As recentes vitórias dos «leões» contra o Rapid e o Nuselsky faziam acreditar que o prestígio do futebol português seria bem defendido, ainda que se reconhecesse unanimemente a superior classe dos seus consagrados campeões checos.

Os que confiaram não se arrependeram, pois o Sporting soube impor o seu jogo e alcançar um glorioso empate que, dadas as condições em que se verificou, foi desfecho algo lisonjeiro para os visitantes.

Este resultado deu brado e ainda hoje — vinte anos passados — enfileira entre os melhores conseguidos pelo futebol lusitano.

Os «leões», envergando a sua histórica camisola bipartida, apresentaram: Cipriano; Ferreira e Jorge; Leandro, Felipe dos Santos e

Portela; T. Pereira, Jaime, Francisco Strop, João Francisco e Emilio Ramos.

Aos 4 minutos Torres Pereira marcou o primeiro ponto. Grande ovação. Mas, pouco depois, o Sparta empatava e, ainda antes do intervalo, mercê de uma grande penalidade, passou a vencedor. Na segunda parte o jogo «azedou» um pouco... Os checos, com a sua fama de grandes jogadores, deixaram outra menos agradável... Quando o árbitro, Vitor Gonçalves, assinalou outra grande penalidade, esta a favor dos lisboetas, os visitantes comportaram-se de tal modo que V. Gonçalves abandonou o campo. Salvador do Carmo que veio substituí-lo, manteve a decisão. Os ânimos, porém, estavam de tal modo exaltados que o saudoso Felipe dos Santos, ao aplicar o castigo — no que era especialista — atirou a bola para as nuvens...

Quasi no final Jaime Gonçalves fixou o resultado.

O 17.º Pôrto Lisboa

Mas o campeonato regional, interrompido na altura das férias, continuava suspenso.

No domingo 20 de Janeiro, em Palhavã, defrontaram-se pela 17.ª vez os grupos representativos das duas mais importantes Associações do país. Arbitrou Silvestre Rosmaninho e alinharam: Pelo Pôrto — Casoto; Oscar Carvalho e Luzia; Coelho da Costa, Velez Carneiro e Floriano; Carlos Augusto, Alberto Ribeiro,

Joaquim Reis, Américo Teixeira e Abraão Diogo (trio defensivo do Boavista, médios do F. C. P. e avançados do Salgueiros); por Lisboa — Vieira; Pinho e Jorge; F. Jesus, V. Gonçalves e Portela; T. Pereira, Jaime, João Francisco, Crespo e Alberto Augusto.

Conclusão — empate sem «goals».

O Campeonato da A. F. L.

No último domingo de Janeiro começou o torneio lisboeta, por sinal com um Benfica-Sporting (o 55.º embate entre os dois rivais).

A maioria vaticinava o triunfo para os verde-brancos, mas o Benfica levou a melhor (3-2), alinhando: Vieira; Pimenta e Artur Augusto; Jesus, Gonçalves e Vitor Hugo; João Morais, Simões, Ribeiro dos Reis, Crespo e Alberto Augusto.

No mesmo domingo o Casa Pia venceu o Império, também por 3-2.

O mês de Fevereiro decorreu monótono, sem nada de saliente.

Para o campeonato de Lisboa, o balanço do mês deu: Casa Pia-Belenenses, 6-1; Império-Sporting, 1-0 (quem tal previra, pouco tempo depois do empate dos «leões» com o Sparta 2); Benfica-Belenenses, 2-2; e Sporting-Casa Pia, 3-1.

Na segunda divisão figuravam o Vitória setubalense, o Carcavelinhos, o União e o extinto Portugal F. C., nomes que desapareceram já dos registos da nossa primeira Associação.

Amadeu Cruz

Aos 26 de Fevereiro de 1924 faleceu Amadeu Cruz. Modesto e dedicado, jogador leal, ainda que de rija tempera, começara a sua carreira no Sport União Belenense, passando mais tarde para o Sporting, em cuja categoria principal ocupou, durante muitas épocas, os lugares de defesa direito e guarda-redes.

Tinha feito parte do «team» da A. F. L. que foi ao Brasil.

CARLOS CORREIA

TOUROS & TOUREIROS

IV

AS épocas mais brilhantes do toureiro moderno tiveram a animá-las o incentivo das rivalidades entre as grandes figuras da arena, provocando o natural desencadear de paixões e dando lugar a pugnas violentas entre os bandos partidários que, das invectivas nas bancadas da praça, passavam rapidamente aos conflitos com intervenção da força pública.

Não menos violenta eram as campanhas jornalísticas originadas pelas rivalidades taumáticas. As facções antagonicas zuriavam-se mutuamente, em prosa e em verso, descendo por vezes ao insulto soez e elevando-se frequentemente às alturas de um estilo brilhante, entre cujos cultores se contaram não poucas figuras de alto relevo literário.

Nas lutas de partidarismos taumáticos estavam, em jogo, por via de regra, de um lado o domínio sereno e o conhecimento perfeito dos segredos da Arte, e do outro a valentia indomável e «rrebata», capaz de empalmar, com um simples «larde de t-meridade, todos os loiros colhidos pelo adversário numa tarde inteira de curso de ciência taurina.

Os bandos partidários recrutavam-se indistintamente entre todas as camadas sociais, seguindo cada entusiasta as naturais inclinações do seu temperamento. Todos os que frequentam os toiros por vício, por «ficción», são ávidos de emoção. Os sistemas nervosos mais sensíveis preferem uma emoção menos violenta, regrada pelos conta-gotas de um capote e uma muleta de largo domínio, manejados por quem se não exponha inutilmente. Os temperamentos impetuosos preferem, por via de regra, a emoção máxima prodigalizada pela bravura impulsiva e por vezes inconsciente, a «emoção que mais se aproxima da tragédia. Digamos, no entanto, em abono da verdade, que não nos consta a existência de «aficionados» à tragédia propriamente dita. A fantasia detractora que criou a célebre lenda do «mas caballos» não se atreveu a inventar um grito de feras que exigisse o derrame de sangue humano... Será mais fácil de encontrar, entre os apolo-

gistas de certas manifestações modernas e «emboladas» da brutalidade humana, quem anseie pelo espectáculo sugestivo que acaso lhe proporcione o panorama das costelas amolgadas do seu semelhante.

A primeira rivalidade célebre dos tempos modernos data dos fins do século XVIII. Foram protagonistas dêsse duelo Pedro Romero e José Delgado (Pepe-Ilio). Romero, o futuro mestre da Real Escola de Tauromaquia de Sevilha, representava, com o seu estilo seguro, eficaz e e despido de adornos, o tipo do toureiro-dominador. Pepe-Ilio, criador do toureiro sevilhano, muito menos seguro e dominador do que o seu rival, via-se favorecido pela novidade do seu estilo genial e fértil em inventiva, gosando slem disso da grande popularidade que lhe grangeara a sua simpatia pessoal, aliada a feito obsequioso e comunicativo. Frequentador assíduo de todos os folguedos e diversões, Pepe-Ilio foi incontestavelmente uma das figuras populares mais queridas do seu tempo.

A vaidade, defeito saliente do criador do estilo sevilhano, prejudicou-o largamente. Por não atender as advertências do seu rival, cuja superioridade nunca pôde suportar, sofreu várias colhidas graves, vindo a morrer em pleno apogeu da sua carreira, vitimado por um touro na Praça de Madrid. A sua morte foi chorada, por largos anos, em dolentes coplas, algumas das quais ch-garem aos nossos dias. Ilio morreu em Maio de 1801. Pedro Romero, que se retirara pouco antes, sobreviveu-lhe 38 anos.

Depois de um interregno, em que não se destacou qualquer figura saliente nas lides taumáticas, interregno que coincidiu com a época terrível da Guerra Peninsular, surgiu um astro de primeira grandeza, que não teve de sustentar competências, pois fracassaram estrondosamente todos os que pretenderam disputar-lhe os loiros. Referimo-nos a Francisco Montes (Paquiro), mestre, como Pepe-Ilio, do estilo sevilhano, e o maior revolucionário do toureiro até ao advento do nosso contemporâneo Juan Belmonte. J. E.

(continua)

A Escola Manuel Bernardes

Conquistou o título de campeão de futebol da Ala 2 da «Mocidade Portuguesa»

Na tarde de sábado, o campo de jogos do Unidos Futebol Clube apresentava um aspecto inédito, emoldurado como estava, por centenas e centenas de filiados da M. P., que com interesse assistiram às diferentes partes do programa, que tinha na final do torneio de futebol o seu número mais importante.

A festa desportiva de sábado, a primeira realizada antes do período de férias da Páscoa, e destinada a aquilatar do grau de desenvolvimento dos filiados, reuniu os elementos dos liceus da Capital e deixou-nos boa impressão, já pelo ambiente, já pela maneira como as competições propriamente desportivas decorreram.

Depois de demonstrações de «hand-ball», e atletismo, evoluções e provas de destreza entre equipas de campismo, os grupos de futebol, representativos da Escola Manuel Bernardes e do Liceu de Camões, apresentaram-se para disputar a final do campeonato da Ala 2.

Este campeonato, movimentando cerca de cento e vinte filiados, decorreu com brilhantismo e constituiu um êxito para a Mocidade Portuguesa.

Demonstrando grande empenho pela luta, energia e decisão, as equipas lutaram com uma correcção que nunca é demais pôr em destaque. Lutaram, enfim, dentro do espírito da «Mocidade», dentro da ideia que anima as suas competições, das normas que presidem às suas organizações.

Triunfou a turma da Escola Manuel Bernardes — vitória justa a premiar a melhor técnica, e o conjunto mais homogêneo.

Talvez menos certos do que habitualmente, os rapazes do Liceu Camões, perdendo pela diferença mínima, saíram igualmente dignificados do encontro.

Resultado final: 2:1. Marcaram pela Manuel Bernardes: Gavião e Valido.

Ponto do Camões: Pimentel.

Assistiram os srs. capitães Joaquim Gomes Marques e Raúl Pereira de Castro, respectivamente delegado e sub-delegado provinciais.

ABREU TORRES

RUGBY

Só o ATLÉTICO continua sem derrotas

O campeonato de Lisboa teve, na sua terceira saída, um acontecimento sensacional: nas duas jornadas anteriores, o Belenenses, que detem com legítimos direitos o título regional, deixara a impressão de ser capaz de continuar na posse do seu bem e impressionara favoravelmente quanto a esquema do jogo e capacidade realizadora da sua linha atacante. Afinal, no domingo, no seu próprio campo reldado das Salésias, deixou-se vencer nitidamente por 12-0, pelo Benfica, o qual, no dia de abertura, fora derrotado pelos sportingistas estrangeiros.

Em consequência, o Atlético, que bateu os «leões» pelos mesmos 12-0, isolou-se à cabeça da classificação e ficou sendo o único concorrente vencedor de todos os seus encontros.

A surpreendente vitória do Benfica, que a evolução do jogo justifica plenamente, foi o fruto do trabalho da sua linha de três-quartos, que soube aproveitar todas as oportunidades oferecidas pelos seus avançados, cujo agrupamento destruiu em força a resistência contrária. No conjunto, a partida foi confusa, com pontapés à toa, exageros de dureza que determinaram a expulsão de três jogadores e aborrecidas lesões de alguns mais.

Com o esboço deste panorama fica implicitamente compreendida a insuficiência de autoridade do árbitro, mal que noutros encontros precedentes já, também, tínhamos notado.

Com muito raras excepções, os árbitros que têm sido utilizados no campeonato não são maus, porque são péssimos: inadmissível tolerância de certas faltas, desconhecimento de regras elementares e complacência para as atitudes à margem da lei.

Parece-nos indispensável ao progresso da modalidade um esforço de orientação por parte do organismo dirigente, no propósito de aperfeiçoar as condições de arbitragem e criar por seu intermédio, nos jogos oficiais, maior disciplina e mais nítida interpretação dos objectivos e doutrinas do rugby.

Nas precedentes crónicas apontámos alguns dos erros mais comuns nos jogadores em acti-

vidade, mas a lista está longe de esgotada: os avançados, exageram o seu papel na partida; os atacantes, correm pelo terreno em todos os sentidos, fugindo à perseguição dos adversários, em vez de tomarem rumo directo em frente e cederem a bola ao companheiro quando não possam avançar mais; a captação da bola é com muita frequência falhada e raros são os que se baixam em corrida para a levantar do solo, preferindo os longos pontapés, que nada significam em rugby; ainda não vimos tentar um «goal» em pontapé de ressalto, apesar de serem vulgares as ocasiões propícias; e, finalmente, alguns jogadores parece terem como única função, na equipa, gritar e gesticular, pois afora isto nada se lhe vê fazer de útil...

Em sùmula, todas estas particularidades resultam logicamente da falta de treino individual e colectivo; no nosso tempo de praticante iam para o terreno duas vezes por semana, às seis horas da manhã—noite cerrada, nos meses de inverno—e trabalhávamos afincadamente durante duas horas, nessa parte consagrada ao afinamento da maquinaria da equipa e outra que cada um reservava ao seu aperfeiçoamento pessoal. Suponho que hoje os processos sejam outros, mas os resultados não provam a sua eficiência.

Não nos permite a falta de espaço que nos alonguemos em ensinamentos técnicos pormenorizados, mas seria interessante que a associação conseguisse a publicação frequente de artigos consagrados à teoria do jogo, à missão especial de cada linha e à sùmula das disposições regulamentares. Valia mais isto do que extensos comentários descriptivos dos episódios dos encontros.

SALAZAR CARREIRA

CURIOSIDADES

UM «PÁPA-KILÓMETROS»...

VIAJAR — eis o que actualmente constitue problema de difficilissima resolução. Que infinidade de contriedades não tem acarretado a falta de gasolina, o mau funcionamento de um gasogénio, ou ainda, a lotação esgotada num comboio ou camionete!...

De muitas pessoas, todos nós sabemos que veneram tamanha dificuldade utilizando a bicicleta. E o caso que apontamos hoje à curiosidade dos nossos leitores, embora possa haver outros parecidos, afigura-se-nos, pela sua raridade, merecedor de breves linhas.

Francisco Zapata, um espanhol que emprega a sua actividade no transporte de jornais de Murcia para Cartagena, percorreu, nos últimos três anos, 93.600 quilómetros em bicicleta, ou sejam 2.600 por mês e 100 por dia.

Se um percurso de 100 quilómetros diários está ao alcance de muita gente, já o mesmo se não pode dizer da persistência deste homem, que denota grande robustez e resistência física.

O simpático murciano, que há quatro anos não utliza outro meio de locomoção, não descançou enquanto não descobriu o serviço que hoje desempenha.

E é assim que, todas as manhãs, mal são as cinco e meia, principia a sua caminhada indifferente à chuva, ao vento, à neve e ao calor. Nela gasta hora e meia. As, onze inicia o regresso. Quando chega a casa tem percorrido 100 quilómetros, dose dos quais de dura escalada, com a agravante de levar no suporte da sua máquina oitocentos exemplares do jornal, com o peso de 25 quilos.

Francisco Zapata nunca disputou qualquer corrida, embora tivesse pensado já no campeonato de Espanha, de veteranos. Alegrou a convicção de que os seus 93.600 quilómetros, em três anos, constituem record. Aprecia todos os corredores, em especial Cañardo, Trueba e Equerra — e não pensa deixar a bicicleta... que é a sua melhor amiga.

E ou não proeza de realce esta, de Francisco Zapata?

A CONTECIMENTOS DA SEMANA

ACTOS DE POSSE — Tomaram posse os novos corpos gerentes das Associações de Futebol e de Hockey em Campo, de Lisboa e de Cidismo, do Sul.

ASSEMBLEIAS GERAIS — Retiniram-se as assembleias gerais da Federação Portuguesa de Patinagem e do Clube Náutico de Portugal.

COMEMORAÇÕES — Principiaram as festas das «Bodas de Pratas» do Sporting Clube de Braga.

O Gimnásio Clube Português e o Clube Futebol Benfica festejaram também, respectivamente, os seus 69.º e 11.º aniversários.

Na esplanada do Tamaziz efectuou-se um almoço em honra da equipa futebol do Estado, em comemorativo da sua passagem à I Divisão da A. F. L.

FUTEBOL — Concluiu-se a «époule» de apuramento do campeonato de Lisboa de júniores, verificando-se na última jornada os resultados seguintes: Atlético-Unidos, 7-1; Belenenses-Casa Pia A. C., 3-1; Benfica-Fósforos, 5-0; Sporting-Marvilense, 5-1. Classificações: Série A — Belenenses, 16 p., 17-6; Atlético, 14 p., 12-8; Unidos, 12 p., 17-16; Casa Pia A. C., 6 p., 2-10. Série B — Benfica, 16 p., 17-8; Sporting, 13 p., 12-4; Fósforos 10 p., 5-14; Marvilense, 5 p., 3-27. Ficaram, por consequência, apurados para disputar a «époule» final: Belenenses-Sporting e Atlético-Benfica.

Principiou a segunda volta do torneio para a taça «Artur José Pereira», com os resultados seguintes: Belenenses-Atlético, 1-2; Estoril Praia, 6-2; Operários-Chelas, 2-1; Benfica-Sporting, 4-0. A equipa do Benfica permanece «leader» — só com vitórias: 8 — seguida do Belenenses e Unidos.

Disputaram-se os últimos jogos da «époule» de apuramento do campeonato nacional corporativo, zona de Lisboa, com os resultados seguintes: Empresa Nacional de Publicidade «Diário de Notícias»-Fábrica de Ramas, 2-0; Banco Espírito Santo—Fábrica do Carvalhido, 3-2; Empresa Geral de Transportes-A. P. L., 10-1. Ficaram apurados para a «époule» final: Estabelecimentos Herold, Progresso Mecânico, Fábrica de Sacoém e Material de Engenharia.

Para o campeonato nacional corporativo, zona do Porto, registaram-se os resultados seguintes: Cerâmica Canadell S. N., Fósforos, 2-0; Fábrica do Carvalhido—Reis & Morais, 6-2; Arzenistas—Empresa Textil, 2-1.

A Associação Académica e o F. C. Porto ganharam os campeonatos de júniores, respectivamente, de Coimbra e do Porto.

O Leça ganhou ao Ramaldense, por 4-0, do primeiro jogo de passagem da II para a I Divisão da A. F. Porto.

HIPISMO — João Moura, no «Zambeze», e Pascoal Rodrigues, no «Námir», ganharam as provas ultimamente disputadas no hipódromo do Jockey Clube.

HOCKEY EM CAMPO — Integrado nas comemorações do undécimo aniversário do Futebol Benfica, disputou-se o primeiro desafio da nova época, entre aquela clube e o Belenenses. Houve empate de 1-1.

HOMENAGENS — O Gimnásio Clube Português, a comemorar esta semana o seu sexagésimo nono aniversário, promoveu uma sessão de homenagem postuma ao mestre Luis da Costa Monteiro, descerando-lhe o retrato na sala que tem o seu nome.

TIRO AO ALVO — Aterro do campo de Afonso de Albuquerque, em Belém, inaugurou-se a carreira de tiro reduzida (13 metros) da F. N. A. T. Assistiram à cerimónia os srs. dr. Jorge Felner da Costa e Augusto Soares e disputou-se uma prova, dotada com três taças, ganhas por Elísio Rodrigues (87 pontos), Mário Santos (78) e dr. Joaquim Baptista (73).

Concluiu-se a prova «João Pereira da Rosa», de iniciativa do Ateneu Comercial de Lisboa e disputada, em várias sessões, na carreira «dr. António Martins». O Benfica, triunfando pela terceira vez consecutiva, ganhou o troféu definitivamente.

VOLLEYBALL — Principiou-se a disputar o campeonato do Batalhão de Sapadores Bombeiros, verificando-se, na jornada de inauguração, os resultados seguintes: 1.ª Companhia-Companhia de Reforço, 2-0; Companhia de Recrutamento-2.ª Companhia, 2-1.

NO ESTRANGEIRO

ATLETISMO — O americano Gil Dodds, de Boston, que na semana anterior destronara o recorde mundial da milha (na posse do seu compatriota Glenn Cunningham, com 4 m. 7 s. 2/10, desde 1938) melhorou-o de 4 m. 7 s. 2/10 para 4 m. 6 s. 4/10.

TIRO A CHUMBO — Nas últimas provas do torneio promovido, em Badajoz, pela Real Sociedade de Tiro de Pichón, os portugueses obtiveram assinalados êxitos, conforme sucedera anteriormente. Na prova «Vencedores» Joaquim Monteiro ganhou com 15-15, seguidado de João Paio 14-15, Alberto Rosado Carvalho e engenheiro José Córado, e António de Calça e Pina conquistou a taça «D. Felipe Osborne».

Os portugueses, das quinze provas que constituíam o programa, ganharam sete, alcançando ainda classificações muito honrosas nas restantes, em luta com os melhores especialistas espanhóis.



3



NO NORTE

Campeonato Nacional de Futebol: O jogo do Porto — Berrigana lança-se aos pés de Quaresma num momento de perigo; 2 — Um "canto" que causou pânico nas rédes do Belenenses. — Em Guimarães: 3 — Alexandre remata o 1.º "goal" do Vitória; 4 — Machado defende com arrojo, a pesar de carregado.

Ciclismo: Os 50 Km. — 5: a contar da esquerda — P. da Costa (F. C. Pôrto,) Império dos Santos (S. C. Salgueiros) e A. Carlos (R. Leça,) vencedores em juniores, independentes e seniores.



5





FUTEBOL
 O jogo da Tapadinha e o
 desafio final da 3.ª divisão
 da A. F. L.

 O campeonato da «M. P.»
 do Porto



ATLÉTICO-OLHANENSE;
 1 — Abraão falha uma defesa
 à sóco, deixando escapar a
 bola; 2 Rodrigues e Catinana
 disputam a bola. D. OLI-
 VAIS-PAREDE: 3 e 4 — Dois
 aspectos do jogo final do cam-
 peonato da 3.ª divisão da
 A. F. L., ganho pelo D. Oli-
 vais. O CAMPEONATO DA
 «M. P.» NO PORTO: 5 — O
 «team», da Escola João de
 Deus, campeão da ala por-
 tuense



BASKET-BALL

Carnide — futuro campeão de Lisboa?

III DIVISÃO DA A. F. L.

O Desportivo dos Olivais
foi apurado campeão

As posições ocupadas por alguns dos grupos que disputam o campeonato da Divisão de Honra, rodearam os jogos da semana passada de extraordinário interesse. Pode dizer-se que, quasi todos eles, jogavam a sua sorte nesta série que ficou, pelo entusiasmo com que foi disputada, como das mais reñidas desta competição.

Carnide e Unidos em primeiro plano, deram as suas aspirações ao título supremo. O primeiro, formando como que um bloco devido à perfeita coordenação entre o ataque e a defesa, venceu de maneira brilhante a equipe do Unidos e por «score» algo expressivo — 41-25, que traduz perfeitamente o desenrolar do encontro.

Semana a semana, os campeões nacionais têm firmado, com segurança, a sua excelente técnica e sentido de jogo. É com o maior prazer que se vêem estes rapazes jogar, destacando-se sobretudo o trabalho consciencioso de Fernando Amaral e a actuação espectacular de João Cruz.

Neste «match» com o Unid s, foi, especialmente o último, o artifice da vitória dos «carnidenses», arrancando de continuo prolongadas ovações da numerosa assistência que, entusiasmada, seguiu todos os lances do encontro.

A equipe do Unidos afirmou-se, no entanto, excelente adversária, e, mesmo nos últimos minutos de qualquer dos tempos, foi ela que comandou a partida, mercê de maior resistência física, a qual já lhe proporcionou uma excelente vitória sobre o Atlético. Carlos Fernandes, sempre em luta, foi o grande animador da equipa vencedora.

A vitória do Belenenses sobre o Sporting fez-lhe aumentar as esperanças para a entrada no Campeonato Nacional, conquanto sejam bem difíceis as partidas que tem ainda a disputar.

Este encontro, bastante equilibrado, proporcionou a Seia uma boa exibição, que pôs à prova as suas qualidades de marcador.

O empate do Atlético fê-lo permanecer na zona perigosa, pois não afastou ainda a probabilidade de se classificar em nono lugar motivada por qualquer desastre futuro.

O Campo de Ourique, tal como contra o Belenenses, desperdiçou para final do encontro lances de provável resultado prático, denotando assim falta de domínio de nervos, factor indispensável aos que praticam este desporto.

O Algés, vencendo o Rio São, consolidou a sua posição na Divisão de Honra, sendo o brilho deste jogo empanado pela violência com que o grupo vencedor actuou e pela complacência do árbitro, que deixou passar faltas em claro, faltas que deviam ter merecido certo rigor repressivo.

Lisgás e Benfica averbaram vitórias volumosas contra Maria Pia e Operário. Excelentes exhibições dos vencedores, especialmente do Benfica, no qual se destacou o bom entendimento da sua linha avançada. Maria Pia, especialmente na segunda parte, fez constantes substituições, ensaiando assim conjuntos que não deram resultado. Do Operário há a destacar o desinteressado com que lutaram os seus elementos na primeira parte do encontro, em especial Fernando Pereira, que é precisamente dos jogadores mais animosos desta equipa. A maior combatividade no início do segundo tempo levou-os à marcação de catorze pontos, e mesmo a certo equilíbrio, que os «encarnados» depressa anularam.

A classificação ficou como segue: Carnide e Unidos, 25; Benfica, 32; Belenenses, 21; Algés e Sporting, 19; Atlético, 18; C. A. C. O. e Lisgás, 17; Maria Pia, Operário e Rio São, 11.

A duas séries do fim, a classificação apresenta-se confusa; e a não se dar qualquer precalço, quanto aos dois primeiros, deve o título pertencer aos campeões nacionais, em igualdade de pontuação com o Unidos mas com uma vitória sobre este. A participação da capital no Campeonato de Portugal é difícil de prognosticar, em relação ao terceiro posto, pois há dois grupos que se apresentam a disputá-lo: Belenenses e Benfica. Cinco grupos com a di-

ferença de dois pontos fogem ao 9.º lugar — e à conseqüente descida de Divisão.

A 7.ª jornada da 1.ª Divisão forneceu jogos equilibrados, entre os quais se destacam, como mais importantes para a classificação, o Casa-Pia-Braço de Praia e o Lisboa Ginnásio-Campolide.

As aspirações do Braço de Prata e do Casa Pia ao título de campeão, transformaram este jogo em autêntica final. Bem disputado, conquanto o primeiro tivesse mostrado melhor conjunto, a vitória dos casapianos é de aplaudir pelo ânimo com que arrancaram o triunfo. O encontro que domingo próximo realizará com o Moscavide, deverá decidir a quem pertence o 1.º lugar.

Vitória justa do Lisboa Ginnásio, avulmada pelas marcações felizes de Belo Oliveira e Valente, num jogo em que o trio avançado do Campolide mostrou desentendimento.

O Ateneu viu frustradas as suas aspirações a classificar-se entre os quatro primeiros; a derrota sofrida perante o Moscavide num jogo em que dominou em todo o segundo tempo, é devida à excelente pontuação alcançada pelo vencedor na 1.ª parte do encontro.

C. I. F. e Pedrouços decidiram o último lugar; a vitória do CIF, por um ponto de diferença, colocou o Pedrouços na cauda da classificação.

Vitória merecida do Boa Hora sobre o Nacional.

JOÃO ASSUNÇÃO

ENQUANTO no Estádio, um mar de gente assistia ao encontro entre os velhos rivais de sempre, no Lumiar-A, algumas centenas de pessoas seguiam interessadas o desenrolar do desafio entre o Desportivo dos Olivais, vencedor do núcleo lisboeta, e o Parede Futebol Clube, vencedor do torneio cascaense, com vista ao apuramento do título de campeão da 3.ª Divisão da A. F. L.

Havia natural expectativa à volta do encontro. Qualquer dos grupos ganhara os respectivos torneios com indiscutível mérito. Representavam, para mais, duas localidades diferentes. É, independentemente do título de campeão — um título é sempre um título... — a possibilidade de disputar ao último classificado da 2.ª Divisão o ingresso nela.

Pois a expectativa não foi iludida, diga-se desde já. O encontro — é sempre preciso termos presente que se trata de grupos da 3.ª Divisão — viu-se com agrado de principio a fim, teve fases movimentadas e, dada a relativa igualdade de valores, o engólio pela balisa manteve-se vivo até ao último minuto.

É lançando até, uma visão retrospectiva pelas últimas quatro finais realizadas, podemos afirmar que a de domingo último em nada ficou a dever às precedentes.

Olivais e Parede bateram-se desportivamente. E se os primeiros souberam ganhar — os segundos souberam perder.

Técnicamente, os elencos equivaleram-se. Não houve, nem se podia exigir tal, primores de técnica, nem num lado nem noutro. Houve, sim, energia — enquanto o folego o permitiu. Melhores rematadores, os rapazes dos Olivais marcam três tentos contra dois dos representantes da Parede.

Em síntese: O Olivais fez 1-0 no começo da primeira parte. No segundo tempo o Parede empatou e colocou-se em vencedor por 2-1. O Olivais empatou em seguida e colocou-se, por sua vez, vencedor por 3-2 — resultado já tradicional em encontros da 3.ª Divisão, trazendo mais uma vez para Lisboa o almejado título.

Sob as vistas de Alfredo Domingues, o Olivais alinhou: Pires, Luis e Amílcar; Almeida, Augusto e Cabral; Tomás, Coelho, Peço, Telicé e Frederico.

O Parede apresentou: Brandão; Santos e Gouveia; Candelas, Ribeiro e Gaspar; Costa, Martins Vieira, Correia, Melo e António Santos.

HANDBALL

Começou a 2.ª volta do Campeonato

O ponto intermediário, de transição da primeira para a segunda fase do campeonato de Lisboa, foi assinalado por um acontecimento inesperado e de graves conseqüências: a desistência do Grupo Desportivo «Os Treze», baseada, segundo a comunicação oficial, em medidas disciplinares tomadas pelos dirigentes do clube contra os seus jogadores.

É a segunda vez, que nos recorde, que o valoroso clube toma esta decisão de alheamento da modalidade em que conquistou mais fardos louros; e como da vez passada, afirmamos agora sincera máguia e a esperança de ver vencida a crise na colectividade que, em velha rivalidade com o Sporting, mais longínquas tradições possui no «handball» lisboeta.

Em virtude desta retirada, o programa de domingo ficou reduzido a três encontros: Unidos-Belenenses, 5-1; Sporting-Marvilense, 7-4; Benfica Internacional, 7-2.

Os resultados são normais e em conformidade com as classificações relativas, mas surpreende um tanto a nitidez da vitória do Unidos sobre a comprometida e equipa dos campeões do ano passado; arredado do seu caminho mais este obstáculo, o grupo do Lumiar afirma os seus direitos ao título, para o qual se habilita com tantas vitórias quantos os jogos disputados.

A sua linha avançada, que sempre mereceu reparos pela insuficiência de remate, parece curada da pecha e manifestou neste jogo tal actividade, que pode ser apontada como o factor mais influente no resultado.

O Belenenses, ao invés, ressentiu-se da falta de um avançado centro — posto que Natividade não pode desempenhar satisfatoriamente — e ainda da forma precária do guarda-rédes Dêlio, que era dos mais seguros esteios da equipa.

No Estádio do Lumiar, os «leões» encontraram sérias dificuldades para se desembaraçarem dos energicos marvilenses; estamos em crer, até que estes contribuíram no fim do encontro para a sua própria derrota, porque alguns se deixaram arrastar pelo nervosismo e esqueceram que o objecto do jogo é a bola e o alvo a balisa fronteiria. Quando faltava um quarto de hora para o fim da partida os grupos estavam empatados e o Sporting não se mos-

trara capaz de alcançar tão nítida vantagem. A falta do médio centro Montalvão é um golpe insanável para os sportingistas; obrigados a modificar o xadrez com evidente desvantagem e priva-os sobretudo do seu melhor elemento.

No outro encontro da manhã, há a destacar o animoso e progressivo comportamento do Internacional, que continua lutando com o melhor espírito desportivo contra a flagrante diferença de classe dos competidores na prova; a equipa ressentida-se da fraca experiência da maioria dos seus componentes, mas vai adquirindo personalidade de jornada para jornada.

Os benfiquenses, privados de alguns titulares, só na segunda parte alcançaram marca tranquilizadora, em parte favorecidos pela precipitação dos avançados contrários, que desperdiçaram uma grande penalidade e, por duas vezes, isolados ante a balisa, não conseguiram atinar com a direcção conveniente de remate.

Os jogadores lisboetas, considerados na generalidade, enfermam ainda do costume de demorar a transmissão da bola, e raras vezes se decidem a largá-la logo após a terem recebido e sem primeiramente a bateram contra o solo; isto deve ser, supomos, conseqüência da falta de treino colectivo para estudo preparatório de esquemas, subordinados à desmarcação imediata, de maneira que cada jogador soubesse sempre que podia contar com um companheiro em condições de prosseguir a sua acção.

Em frente da balisa, o costume exacerbado de demorar a transmissão da bola, e raras vezes se decidem a largá-la logo após a terem recebido e sem primeiramente a bateram contra o solo; isto deve ser, supomos, conseqüência da falta de treino colectivo para estudo preparatório de esquemas, subordinados à desmarcação imediata, de maneira que cada jogador soubesse sempre que podia contar com um companheiro em condições de prosseguir a sua acção.

Os árbitros devem ser rigorosos contra tais casos, apitando as faltas precocemente e castigando aquêles avançados cuja norma de jogo é a caça ao lançamento livre, adoptando de firme propósito a toada negativa do «açambarcamento» da bola.

ESSECE

BENFICA E SPORTING

proporcionaram mais uma vez uma grande tarde de futebol...

... e estas casas proporcionam grandes vantagens todos os dias!



Azevedo, guarda-rédes do Sporting e da selecção nacional, numas das suas arrojadas defesas



Martins, o popular «keeper» do Benfica, defende um remete de cabeça de Peyroteo

O chapéu que triunfa sempre!



CHAPELARIAS

PHOEBUS * NAVEIROS * GARCEZ

R. OURO
287

L. Corpo Santo
10

R. PALMA
50

O desafio
SPORTING-BENFICA

é o melhor jogo do
futebol nacional

As lâminas de barbear



são as que devem ser preferidas por todos os portugueses

Distribuidores:

Azevedo & Pessi, L.^{da}
Rua Nova do Almada, 46, 1.^o
LISBOA

No futebol lisboeta
o grande ponto é o

Benfica - Sporting

mas na

Avenida da Liberdade, 74-80

**GRANDE
PONTO**

é a casa especializada
em mercearias finas, frutas
e charcuterie

O jogo de domingo
arreliou muita gente!

Uns, por terem perdido,
outros por não terem
assistido! Falta de lem-
brança, pois podiam ter
ido munidos de um
SONOTONE
para ouvirem os comen-
tários e, para verem o
desafio, de uns óculos de
C. P. L. — **OPTICA** do
Pêço do Borratém, 33 s. l.

... também os cartuchos

REKORD IMPERIUM

lhe darão a vitória
no TIRO AOS POMBOS

Casa A. M. SILVA

Armas, munições, artigos para caça e pesca

Rua da Betesga, 67 — LISBOA

Telefone 2 5424

Relógios



Um exclusivo da Ouri-
vesaria e Joalheria

Barreto & Gonçalves, L.^{da}
Rua Eugénio dos Santos, 17
LISBOA

**

Três modelos aos preços de
200\$00 - 220\$00 - 250\$00

Stadium

Abriu a época de CICLISMO

1 — João Rebelo e Inácio, próximo da meta, seguem vertiginosamente. Rebelo vigia...; 2 — Os iniciados; 3 — Os veteranos; 4 — Os amadores, em plena estrada, cruzam-se com o carro da «Stadium», fornecendo um bom aspecto da luta; 5 — Os mesmos ciclistas pedalam a caminho de Loures.

(Fotos Nunes d'Almeida)

